

ESTUDOS EM REDE:

TECNOLOGIAS, ANTIRRACISMO E CULTURA



Jamile Borges da Silva

[Organizadora]

ARCO
EDITORES ● ● ●

ESTUDOS EM REDE:

TECNOLOGIAS, ANTIRRACISMO E CULTURA



Jamile Borges da Silva

[Organizadora]

ARCO
EDITORES ●●●

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerot e
Silva
UNIDAVI/SC
<http://lattes.cnpq.br/8318350738705473>

Profa. Msc. Jesica Wendy Beltrán
UFCE- Colômbia
<http://lattes.cnpq.br/0048679279914457>

Profa. Dra Fabiane dos Santos Ramos
UFSM- Santa Maria/RS
<http://lattes.cnpq.br/0003382878348789>

Dr. João Riél Manuel Nunes Vieira de
Oliveira Brito
UAL - Lisboa- Portugal.
<http://lattes.cnpq.br/1347367542944960>

Profa. Dra. Alessandra Regina Müller
Germani
UFFS- Passo Fundo/RS
<http://lattes.cnpq.br/7956662371295912>

Prof. Dr. Everton Bandeira Martins
UFFS - Chapecó/SC
<http://lattes.cnpq.br/9818548065077031>

Prof. Dr. Erick Kader Callegaro Corrêa
UFN- Santa Maria/RS
<http://lattes.cnpq.br/2363988112549627>

Prof. Dr. Pedro Henrique Witchs
UFES - Vitória/ES
<http://lattes.cnpq.br/3913436849859138>

Prof. Dr. Thiago Ribeiro Rafagnin
UFOB
<http://lattes.cnpq.br/3377502960363268>

Prof. Dr. Mateus Henrique Köhler
UFSM- Santa Maria/RS
<http://lattes.cnpq.br/5754140057757003>

Profa. Dra. Liziany Müller Medeiros
UFSM- Santa Maria/RS
<http://lattes.cnpq.br/1486004582806497>

Prof. Dr. Camilo Darsie de Souza
UNISC- Santa Cruz do Sul/RS
<http://lattes.cnpq.br/4407126331414>

Prof. Dr. Dioni Paulo Pastorio
UFRGS - Porto Alegre/RS
<http://lattes.cnpq.br/7823646075456872>

Prof. Dr. Leonardo Bigolin Jantsch
UFSM- Palmeira das Missões/RS
<http://lattes.cnpq.br/0639803965762459>

Prof. Dr. Leandro Antônio dos Santos
UFU– Uberlândia/MG
<http://lattes.cnpq.br/4649031713685124>

Dr. Rafael Nogueira Furtado
UFJF- Juiz de Fora/MG
<http://lattes.cnpq.br/9761786872182217>

Profa. Dra. Angelita Zimmermann
UFSM- Santa Maria/RS
<http://lattes.cnpq.br/7548796037921237>

Profa. Dra. Francielle Benini Agne
Tybusch
UFN - Santa Maria/RS
<http://lattes.cnpq.br/4400702817251869>

Copyright © Arco Editora, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2021 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2021 Arco Editora.

Diagramação e Projeto Gráfico : Gabriel Eldereti Machado

Capa: www.pixabay.com

Revisão: dos/as autores/as.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Estudos em rede [livro eletrônico] : tecnologias,
antirracismo e cultura / organização Jamile
Borges da Silva. -- 1. ed. -- Santa Maria, RS :
Arco Editores, 2021.

PDF

Bibliografia

ISBN 978-65-89949-37-4

1. Antirracismo 2. Cultura 3. Discriminação na
educação 4. Educação 5. Educação - Finalidades e
objetivos 6. Racismo 7. Tecnologia educacional
I. Silva, Jamile Borges da.

21-87565

CDD-371.33

Índices para catálogo sistemático:

1. Tecnologia educacional : Educação 371.33

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

 **10.48209/978-65-89949-37-4**

O padrão linguístico-gramatical, bem como o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma maneira, o conteúdo e teor de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

EM BUSCA DE EPISTEMOLOGIAS ATENTAS.....7

CAPÍTULO 1

TECNOLOGIAS DISCURSIVAS EM BUSCA DE
'CONTRAPEDAGOGIAS'.....11

Jamile Borges

doi: 10.48209/978-65-89949-37-1

CAPÍTULO 2

INSTAGRAM: TECNOLOGIA, PRESENÇA E (AUTO)
REPRESENTAÇÃO.....24

Claudio Xavier

doi: 10.48209/978-65-89949-37-2

CAPÍTULO 3

"A COMPLEXIDADE DA VIDA": CIBERCULTURA E A FORMAÇÃO
DO CIBERRACISMO.....43

Joao Mouzart

doi: 10.48209/978-65-89949-37-3

CAPÍTULO 4

GERAÇÃO TOMBAMENTO: CONSTRUINDO IMAGEM POSITIVAS DE
CORPOS-NEGROS.....62

Adrielle Regine dos Santos Almeida

doi: 10.48209/978-65-89949-37-0

CAPÍTULO 5

MOSSANE, UMA AUTOETNOGRAFIA NA FICÇÃO?.....77

Evelyn Sacramento

doi: 10.48209/978-65-89949-37-5

CAPÍTULO 6

**JOGOS DIGITAIS E APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA DOS
EDUCADORES.....93**

Bruno Fernandes Carvalho da Silva

doi: 10.48209/978-65-89949-37-6

SOBRE A ORGANIZADORA.....109

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES.....110

APRESENTAÇÃO

Em busca de epistemologias atentas

Este livro, cujo título: **ESTUDOS EM REDE: tecnologias, antirracismo e cultura**, não tem a pretensão de esgotar temas ou mesmo apresentar fórmulas seguras para questões que nos atravessam faz muito tempo.

Como antropóloga, tenho estado vigilante às transformações históricas de nosso tempo, do mesmo modo que busco situar essa compreensão em um pano de fundo em que não percamos de vista os pilares e marcos constitutivos de nossa sociedade – o Brasil – num esforço de leitura de contextos locais atravessados por marcadores globais.

Isso significa que não entendo ser possível falar de tecnologias, sociedade, cultura, cinema ou qualquer outra grande categoria analítica sem compreender como estas são atravessadas pelo racismo estrutural do país.

Esta é uma das razões pela qual os artigos que vocês lerão aqui estão preocupados ontologicamente e epistemologicamente em fazer a crítica a velhos modelos teóricos totalizantes, ao tempo em que produzem novas lentes para ampliar nosso esforço de uma leitura engajada e crítica de fenômenos dados como estáveis.

É, portanto, a busca de um pensamento anti-hegemônico contra aqueles que querem o orgulho do conceito e agitam com frequência a bandeira do ‘inteligível’ como se fosse possível escrever liberto das impurezas que o nosso mundo acarreta.

Estes professores da pureza, que discorrem sentados em suas cadeiras, pensam para sobrepujar aquilo de que falam (e aqueles a quem falam), como um modo de humilhar tudo o que pensam com a sua linguagem superior ou aérea.

Os textos que ora apresentamos se inscrevem na condição de pedagogias que olham para o futuro como o faz os povos Aymara. Na perspectiva do tempo

Ch'ixi em Aymara o passado se chama *nayrapacha* e *nayra* significa também os olhos. Isso quer dizer que o passado está adiante e só o reconhecemos porque podemos olhar, sentir e recordar. O futuro é, uma espécie de *q'ipi*, ou *qhipa* uma carga de preocupações que mais vale levar às costas porque se colocamos à nossa frente ela não nos deixa caminhar .

Assim, temos na abertura do livro, o texto da professora Jamile Borges, **Tecnologias discursivas** em busca de 'contrapedagogias'. Um texto-manifesto contra a precariedade da vida e um apelo ao direito a existência das populações historicamente subalternizadas.

A seguir, o capítulo escrito pelo professor Claudio Xavier **Instagram: tecnologia, presença e (auto)representação** objetiva pensar filosoficamente sobre os desafios da técnica em sua dimensão narcísica e tecnopolítica. O autor está interessado em compreender as formas de convivência e (re)existência de pessoas e coletivos nas redes e no mundo.

Em diálogo com o texto anterior, o professor Joao Mouzart aponta **A Complexidade da Vida**": Cibercultura e a formação do Ciberracismo . O texto é fruto de sua tese de doutorado em que o autor objetiva tratar das novas e insuspeitas formas com que o racismo opera nos ambientes virtuais, criando novas estratégias para emplacar uma espécie de 'neocolonialismo digital' afetando especialmente jovens negras, mas também reforçando estereótipos sobre toda a comunidade negra.

Adrielle Regine, jovem mulher negra e mestra em estudos étnicos e africanos, nos apresenta no capítulo a seguir um texto intitulado **Geração Tombamento**: construindo imagem positivas de corpos-negros. A autora, oriunda de camadas populares e profissional da moda, do design e do audiovisual, traz luzes novas para compreensão de movimentos estéticos e políticos e como estes movimentos induzem o aparecimento e fortalecimento de novos modos de organização das populações negras no país.

Do mesmo modo, Evelyn Sacramento nos apresenta **Mossane**, uma autoetnografia na ficção? Pergunta que será respondida através do trabalho de uma cineasta africana, Safi Faye em sua trajetória corajosa, como pioneira do cinema africano, uma mulher entretempos, sociedades e oceanos, que não se deixou abater pelo racismo vigente e cruel, fabricando cenas, poemas e imagens que resultaram num cinema sensível e engajado.

Finalizando o livro, o jovem professor da rede pública de ensino Bruno Fernandes nos brinda com resultados de sua dissertação de mestrado, tratando dos desafios e dos impactos dos **Jogos digitais** e da aprendizagem na perspectiva dos educadores.

E o que queremos então com este livro ? Tornar inteligível a experiência sensível. Conhecer reconhecendo os limites e os perigos do saber-poder. Pensar para se aproximar e se aproximar para conhecer. Debruçar para lembrar e para entender as nossas dores. Especialmente quando essas dores resultam da história e das memórias de nosso patrimônio sensível. “É preciso respeitar a originalidade do sofrimento sem apaziguá-lo” diz DIDI-HUBERMAN (2015)

Eu pensei em encerrar essa conversa convidando convidando vocês, meus amigos e minhas amigas, cada leitor e leitora a escapar da zona de conforto e colegas a escaparem da zona de conforto de nossas geografias políticas e compreender as distâncias, as margens que nos separam entre as telas dos nossos celulares, computadores e smartphones.

Habitar um espaço ‘marginal’ entre essas margens da história como um lugar para celebrar a impureza, a mistura e a transformação que provêm de novos horizontes. Nos rebelarmos contra o totalitarismo da pureza: a *mélange*, a miscelânea, a marginalidade pode ser nosso canto e nosso modo de estar no mundo.

Sabemos que todo rio tem duas margens, mas o que fazer ao se defrontar com a terceira margem? Ao modo de Guimarães Rosa, narrar, ficcionar, retratar, performatizar, encontrar fendas por onde memórias apagadas possam dançar no leito do rio, no contrafluxo. Evocar outras memórias para exorcizar a violência

que marcou as duas margens atlânticas originárias.

Esse é um convite a um pensamento do tremor, da não-presunção, que se institui como um pensamento de abertura e de partilha” (GLISSANT, 1997) passagem, travessia entre o lugar e o mundo, entre uma cultura e outra: um trajeto de errância produzindo novas ecologias de pertencimento. Uma poética do território e de si. Um pensamento de viagem e retorno . E ainda, uma (bio) política da errância: nossas viagens de leitura e pesquisa para o encontro com os cânones levando nosso azeite para manchar a memória do opressor.

Esta é a proposta de um livro para abandonar nossas certezas epistêmicas e nos arriscarmos à queda. Um Pensamento em busca de contrapedagogias entende que aqui não há nada de definitivo e o não-saber faz parte do banquete do olhar. Existir como um gesto, como se, de linha em linha, pudéssemos obstinadamente retornar ao ponto zero onde tudo ainda é possível.

Num ano em que mais de 600 mil pessoas já morreram neste país, até a publicação deste livro, queremos como um ato de respeito que essa nossa escrita seja lida como um ato-compromisso e de consideração para com o jogo da memória e do fazer histórico.

Boa Leitura !

Jamile Borges da Silva, outubro de 2021

 10.48209/978-65-89949-37-1

CAPÍTULO 1

TECNOLOGIAS DISCURSIVAS EM BUSCA DE 'CONTRAPEDAGOGIAS'

Jamile Borges da Silva

INTRODUÇÃO

Este é um texto fruto de uma série de reflexões que tenho feito sobre temas caros às ciências sociais brasileiras como igualdade, diferença, racismo, gênero, tecnologias e sociedade, racismo e antirracismo, sobretudo, em face da difícil situação sanitária e epidemiológica que atravessamos desde o ano de 2020.

Com o imperativo do trabalho remoto e as transformações por que tem passado a universidade e o trabalho docente, fomos demandados enquanto intelectuais públicos a tentar mapear a cena contemporânea buscando traduzir o tenebroso cenário político e econômico do Brasil, de modo que muitas atividades foram se sucedendo desde março de 2020 até hoje enquanto escrevo este texto, para explicar ou apontar horizontes possíveis a um país que se acostuma perigosamente ao flerte com o negacionismo e o fascismo.

Ocupando os lugares de pesquisadora e coordenadora de um programa de Pós-graduação em estudos étnicos e africanos (julho de 2019-julho de 2021) tenho me debruçado na tentativa de responder às inúmeras demandas que se impuseram sobre nós, particularmente a partir do avanço em escala mundial do vírus Sars-CoV-2, causador da atual pandemia de covid-19, que já devastou o equivalente a países inteiros até o momento da escrita desse texto. E, segue avançando.

Assim como o filósofo Paul Preciado (2020), acredito que será preciso inventar uma nova imaginação política capaz de confrontar a lógica da guerra e a hegemonia do mercado como *topos* de produção do conhecimento. Para tal, tomarei como base as reflexões de autoras e autores andinos, afrodiáspóricos e dissidentes da racionalidade colonial-moderna, intentando ofertar aqui uma jornada experiencial para pensarmos coletivamente estratégias e dispositivos para ler a cena contemporânea, a pandemia e seus efeitos sobre as populações historicamente subalternizadas.

Nesta conversa me declaro assim como o faz o senegalês Felwine Sarr (2019) : nem afropessimista, nem afroutopista...afro realista. Imaginei esse texto mais próximo a noção de devires, futuros, transformações, assemblages, bricolagens, rodas e xirês, buscando articular tecnologias materiais e discursivas com a perspectiva dos povos ameríndios e tradicionais para entender as previsões e possibilidades de sinergias pedagógicas e políticas ou, em outras palavras, produzir utopias possíveis.

A pandemia escancarou as desigualdades e assistimos inertes a ação de uma necropolítica de estado produzindo mortes em escala de guerra. Desde o anúncio formal dos primeiros casos de COVID-19 no mundo, temos sido assaltados por imagens e notícias que oscilam entre o sensacionalismo, a real preocupação com programas de imunização e a disseminação de *fake news*, tornando o combate ao vírus um exercício hercúleo para todas as pessoas envolvidas nas múltiplas dimensões da pandemia. O obscurantismo avança na mesma velocidade do contágio real pelo coronavírus.

Estamos todos e todas imersos em um cenário que envolve questões complexas e multifacetadas. A pandemia é resultado de uma intersecção, um cruzamento entre biologia, tecnologia, cultura, economia, globalização e sociedade. Entretanto, num primeiro momento a dimensão bio/epidemiológica articulada a construtos culturais falou mais alto. Por quê? O fato do coronavírus ter tido seus primeiros casos na cidade de Wuhan, na China, trouxe a baila aquele nosso velho conhecido: racismo, xenofobia e discursos de ordem fascista anti-imigração, promovendo fechamento de fronteiras e xingamentos contra populações asiáticas, na esteira do discurso de que todos ‘eles’ são iguais. Mais uma vez, a velha dicotomia ‘Nós’ e os ‘Outros’ ou parafraseando Stuart Hall o ‘West’ and ‘Rest’, isto é, o Ocidente e o resto do mundo.

Crises desse tipo – epidemiológicas e virais –tendem a explicitar mecanismos de segregação e aprofundar desigualdades estruturais. A pandemia é

um processo desigual e tem sua própria geometria do poder a despeito da compreensão comum de que o cenário epidemiológico funciona para todos da mesma forma. Estamos todos e todas enfrentando essa pandemia com diferentes níveis de incerteza, estresse e vulnerabilidade.

Com notícias apontando o nascimento de crianças geneticamente modificadas, o avanço das tecnologias de vigilância e redes nos EUA e as guerras biotecnológicas prometidas pelas lideranças no norte do mundo, uma questão nos toca a todos: qual o futuro da espécie humana?

Uma vez que certas tecnologias saíram da ficção científica e se encontram em nossa realidade, as possibilidades se multiplicam e os caminhos que a humanidade pode percorrer se tornam desconhecidos. O transhumanismo se converteu numa quase 'religião' e a indústria farmacêutica passa a definir inclusive nossas performances de gênero como lembra Paul Preciado em seu excelente livro 'Testo Junke', um testemunho de seu processo de transição de gênero e sua crítica ao que ele chama de indústria farmacopornográfica.

No corpo desse projeto, configuram-se novas formas de existir contemporaneamente em sinergia com as demandas do 'Deus Mercado' aprimorando corpos e funções. Um conjunto de tecnologias articulam hoje a dimensão ética, estética, política e tecnológica prometendo miniaturizar as soluções ao tempo em que amplificam as velhas questões.

O potencial emancipatório das tecnologias prometido nas sagas tecnoutopistas segue, todavia, sem se cumprir. Alimentado pela expansão do mercado digital, seu rápido crescimento é marcado por um entorpecimento e sua elegante inovação se submete ao desejo dos compradores em um mundo guetificado, um universo camarotizado em que o acesso à inovação não é para todas as pessoas.

Acima do ruído desse mundo estranho e inóspito que converte a vida em mercadoria, nossa tarefa principal para um horizonte-devir deveria consistir em

desenhar tecnologias para combater o acesso desigual às ferramentas reprodutivas e farmacológicas, combater as desigualdades duráveis, o trabalho análogo à escravidão e as múltiplas opressões de gênero, raça e classe. A desigualdade ainda define também os campos nos quais nossas tecnologias são concebidas, construídas e legisladas. Tal injustiça exige uma reforma estrutural, maquínica e ideológica. Será preciso construir “Contrapedagogias” como tecnologias discursivas para induzir novas sensibilidades analíticas e entender esse mundo caótico e confuso.

“Nada está na escala certa”, diria Bruno Latour a respeito desse sentimento que atemoriza nossa época.

OS FINS DESTE MUNDO:

Davi Kopenawa (2015), liderança indígena, lembra que por toda parte, ruídos de aviões, carros, rádios, televisores e máquinas infernais nos impedem de sonhar com os silêncios das florestas. Por isso, as pessoas da cidade, diz Kopenawa, dormem sem sonhos “como machados largados no chão de uma casa”. Da mesma maneira, pelo ar nos chega o mal cheiro dos gases tóxicos, pesticidas de toda espécie, partículas cancerígenas, radioativos diversos, fuligens, poeiras.

O nosso mundo é um mundo em vertigem, dizem as teóricas do movimento xenofeminista.¹

Um mundo invadido por mediações tecnológicas, que entrelaçam nossas vidas diárias de maneira abstrata, virtual e complexa. Os povos originários reivindicam não mais repetição sem futuro na espiral do capitalismo, não mais submissão à monotonia do trabalho, seja produtivo ou reprodutivo, não mais coisificação do natural mascarado como crítica. Nosso futuro requer uma despetrificação. (Coletivo Xenofeminista)

¹ Criado em 2014, o coletivo Laboria Cuboniks reúne artistas, escritoras e programadoras interessadas em discutir e pensar o xenofeminismo. Parte dos conceitos centrais desenvolvidos por esse grupo pode ser lido no manifesto intitulado: **Uma política pela alienação**. <https://laboriacuboniks.net/manifesto/xenofeminismo-uma-politica-pela-alienacao/>

Para Gaglione (2014)², em diálogo com o pensamento de Viveiros de Castro e Danowski (2014), o pensamento ocidental é introjetado, investiga a cognição, o entendimento do próprio homem em suas ontologias. Na visão dos povos indígenas e dos povos de saberes ancestrais a civilização ocidental cria máquinas e objetos prodigiosos, mas, sociologicamente, trata-se de povos agressivos, escandalosos, toscos em suas interações. Estaríamos assim, prensados contra nós mesmos e contra os outros povos. Segundo ela, nosso narcisismo é incurável e ameaçamos levar a todos para um abismo

A naturalização de um mundo totalmente digital torna as estruturas normativas naturalizadas em seu alinhamento com a narração do tempo de acordo com os modos de pertencimento constitutivos da colonialidade do poder, como um ‘destino manifesto’ que tende a se repetir como parte dessa temporalidade (neo)colonial, de modo que todos aqueles saberes que abalam a regimes normativos de tempo – como os povos tradicionais por exemplo - são facilmente relegados ao apagamento ou silenciamento.

A isso também chamamos de violência epistêmica. Perez (2019) filósofa e investigadora argentina interessada nos estudos queer adverte que a contrapelo das concepções predominantes que a representam como um evento ou ato pontual, estamos diante de uma forma de violência que se estrutura e se organiza de modo gradual e com repercussões terríveis sobre diversos grupos sociais.

Diz Kopenawa: “os brancos dormem muito, mas só conseguem sonhar com eles mesmos”. Essa frase, para Viveiros de Castro, contém em si uma imagem do pensamento, uma teoria e uma crítica da filosofia ocidental: uma crítica do próprio projeto civilizatório.

Para os Yanomami, o pensar é, essencialmente, sonhar: sonhar com o que não é humano, sair da humanidade. Segundo Kopenawa, o nosso pensamento está

2 <https://bityli.com/5I5v7U>

concentrado no “mundo da mercadoria” e só vemos a nós mesmos: os brancos só sonham consigo mesmos, não saem de si mesmos, não saem da humanidade.

Desde a década de 1970, aproximadamente, o campo dos estudos culturais, dos estudos da subalternidade e estudos pós-coloniais vêm, simultaneamente, promovendo e apontando a desestabilização de paradigmas teóricos e temáticos estabelecidos por uma tradição acadêmica ainda marcadamente eurocêntrica – entendendo Europa como espaço geográfico e cultural detentor de hegemonia na eleição de temas, questões e abordagens, nos termos de Sanjay Seth, um “privilegio epistêmico” centralizador de espaços editoriais, de divulgação científica e de difusão tecnológica (SETH 2013).

Sendo assim, a emergência de vozes anticoloniais surge, ao mesmo tempo, como reivindicação de descentralização da produção e divulgação de saberes e como proposição de novas perspectivas epistemológicas, marcadas por vivências diaspóricas, identidades ambivalentes e dissidentes e pelo entrecruzamento de fronteiras étnicas, nacionais e linguísticas.

Todos os dias a norma faz sua ronda em torno de corpos fragilizados, por isso o antropólogo indiano Arjun Appadurai, insiste na ideia de “irmos ao Sul da teoria” em lugar de falar em uma “teoria do Sul”. Isso significa desestabilizar a ideia de teoria, olhando para ela a partir de pontos de vista não familiares, geracionais e contra o falocentrismo do saber encarnado em corpos brancos e heteroepistêmicos.

Se, como afirma Segato (2018), “o DNA do Estado é masculino”, como produzir sensibilidades que orientem uma vida digna de ser vivida, lembrada e representada? Como habitar um mundo menos precário em termos éticos, estéticos e políticos?

Silvia Cusicanqui, Maria Lugones, Yuderky Espinosa Miñoso, Nelson Maldonado-Torres, Kimberlé Crenshaw Gloria Anzaldúa, Judith Butler, María Galindo, Monique Wittig, Cherríe Moraga, Ochy Curiel, são exemplos de inte-

lectuais que, há algum tempo, vêm afirmando a importância da confrontação criativa de diferentes epistemes, necessárias não apenas para a compreensão de cosmovisões e modos de vida não ocidentais, mas, principalmente, para a imaginação e construção de novos projetos de futuro .

Sabemos que o capitalismo exige relações calcadas nas desigualdades para se desenvolver. Essas desigualdades são construídas a partir da hierarquização dos corpos que carregam consigo desumanização, a barbárie e a violência colonial. Desse modo, a afirmação de um novo pacto civilizatório passa, necessariamente, pela criação de outro modelo tecnoeconômico e de outro pacto com a participação dos povos da terra, das mulheres, dos quilombolas, dos ribeirinhos, de todos e todas que estão em dissidência com os esquemas normativos.

No livro “Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins” (2015): Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro sugerem caminhos para produzir um pensamento e uma mitologia como uma reflexão cosmopolítica em diálogo com o pensamento ameríndio, tomando como ponto de partida o medo do fim do mundo, substituindo o lugar antes ocupado pelo messianismo no imaginário moderno.

Advogam ainda que os povos Ameríndios Por nunca terem tido a necessidade de se libertar da natureza – o que em sua perspectiva equivale a dizer que eles jamais foram modernos, os ameríndios, entre tantos outros povos não-modernos, podem nos ensinar algo sobre como viver após o fim do mundo

Para povos que viveram o massacre físico e epistêmico da colonização e da escravidão, a ideia de Bem Viver é uma inspiração que nos permite sonhar outros mundos.

Silvia Rivera Cusicanqui nos lembra que falar do ‘Bem Viver’ sem romper a lógica desenvolvimentista só fará ressoar a velha fórmula extrativista colonial que expulsou comunidades de seus territórios, destruiu florestas para a exploração de petróleo e construção de rodovias, entre outras violências em nome do progresso.

Teóricas chicanas, ecoativistas e lideranças dos povos tradicionais estão sempre a interrogar por que há tão pouco esforço organizado para redirecionar as tecnologias para fins de emancipação política e estratégica como forma de redesenhar o mundo?. Sabemos que nenhuma tecnologia é inerentemente progressista. Ademais, seus usos estão fundidos com a cultura num círculo de retroalimentação de modo que as inovações tecnocientíficas em geral, acabam por deixar de fora coletivos de mulheres, queers, afrodescendentes, indígenas e quilombolas e todas aquelas pessoas que divirjam do espelho da civilização moderna.

Intelectuais em distintas partes do mundo convidam-nos a olhar o mundo com *outros olhos*, num exercício de *OUTRIDADE* através do qual podemos vivenciar o real à maneira do perspectivismo ameríndio e afro-brasileiro, isto é, concebendo uma multiplicidade de consciências que se esparramam por toda a paisagem do real. Há então em curso no mundo dois projetos: o projeto histórico das coisas e o projeto histórico dos vínculos”. (SEGATO, 2018, p. 14)

CONTRAPEDAGOGIAS

Esse é, sem dúvida, um momento de grande densidade teórica em torno do que significa ser intelectual, trabalhador docente....mais ainda, o que significa ser negro/negra, trans, indígena, enfim, o volume de textos publicados somente no período da pandemia, revela que a centralidade discursiva vem alterando a paisagem mais vertical das arquiteturas epistemológicas e horizontaliza as reflexões em torno de categorias em disputa.

As redes sociais e ademais a pandemia, promoveram/provocaram uma espécie de horizontalização “forçada” que tem balançado e chacoalhado o edifício epistêmico da colonialidade-modernidade-patriarcal. É claro que isso também aponta desafios e problemas.

Então, eu quero refletir e partilhar convosco esse conjunto de incômodos e angústias posicionando-me no difícil topos de apontar uma mirada em nossas

academias para ver o óbvio: como intelectual negra estamos subrepresentadas e desvalorizadas do ponto de vista da distribuição de recursos e privilégios.

Como antropóloga, sei que a herança intelectual nas nossas academias ainda tão preche de epistemologias, cuja força reside no alijamento/apagamento de nossas marcas – historiográficas, discursivas e corporais –, faz com que a gente opere em um espaço em que os porta-vozes dos dilemas e soluções para as grandes crises da modernidade-colonialidade sejam as mesmas pessoas (ou seus descendentes) que ajudaram a erguer o edifício colonial.

Da descoberta de que podemos/devemos ser porta-vozes de nós mesmas ao entendimento da encruzilhada interseccional – avenidas identitárias em que etnicidade, raça, classe e gênero se encontram e se chocam num movimento que chacoalhou o lugar das universidades como guardiãs da “autenticidade” das expressões culturais e da razão única -, seguimos numa marcha que tende, a meu ver, a produzir deslocamentos em duas direções.

De um lado, no caso das universidades, é hora de desprovincializar o olhar a respeito de temas fazendo com que o discurso hegemônico sobre a construção de nossas identidades deixe de ser menos centrado na universalização das agendas e interesses dos países anglo-saxônicos e de pesquisadores/pesquisadoras envolvidos unicamente com agências de fomento. De outro lado, a circulação e intercâmbio de pesquisadores/pesquisadoras do universo afro-brasileiro, afro-latino e africanos - e entre estes e os pesquisadores em outras áreas do Atlântico negro - começam a estimular novos campos de investigação, novos temas e problemas, ao tempo em que recuperam e redefinem categorias e contextos que dávamos por definidos.

Nesse debate, que ainda não cessou, podemos perceber muitas leituras cujos elementos comuns parecem ser os novos termos responsáveis pela próxima onda teórico-metodológica no campo dos estudos antirracistas e libertários: cancelamentos, partilha discursiva, mercado epistêmico, lugar de fala e lugar de

fala, escuta sensível, sequestro da voz, branquitudes posicionadas, legitimidade por afinidades eletivas, algoritmos discriminatórios, biopolítica digital, necropolítica, entre outras que certamente emergirão.

Esses são alguns dos muitos desafios que tenho enfrentado e que agora também vos convido a pensar. Como produzir a partilha do sensível e, ao mesmo tempo, se afirmar no jogo da política discursiva, nesse esporte de combate que é fazer ciência, lembrando P. Bourdieu³ quando dizia: “a sociologia é um esporte de combate”. Como honrar as nossas memórias sem apaziguar a condição da crítica – e por que não dizer, da autocrítica?

Para fazer frente a esse modelo busco então o apoio de Rita Segato (2018), teórica latina no que ela chama de ‘contrapedagogias’. Pois, se as pedagogias da crueldade aparecem como uma série de práticas que ensinam e constituem sujeitos em um discurso que naturaliza o cálculo da vida como coisa, explorável e submetida ao consumo e onde a morte é o único desfecho possível, será preciso fabricar outras narrativas, outras tecnologias que permitam o reconhecimento da diversidade e compreenda que a ruptura de todo laço social está intrinsecamente ligada a diminuição da empatia pela vida humana. Será preciso redigir um manifesto contra a precariedade da vida.

Talvez, ao modo de Glissant, recriar um pensamento do vestígio, fazendo interagir elementos da realidade com os vestígios do que já fomos e do que já cremos com o que acreditamos que podemos ser individuais e coletivamente.

Como James Clifford ensinou, nós precisamos de narrativas (e teorias) que sejam grandes o bastante (e talvez não mais que isso) para reunir as complexidades e manter as bordas abertas e ávidas por novas e velhas conexões surpreendentes (CLIFFORD, 2013).

“O tempo do futuro é o da esperança. O presente é o tempo do dever.” (MBEMBE, 2017). Essa frase foi dita pelo filósofo africano A. Mbembe e se presta

3 CARLES, Pierre (Diretor). **A sociologia é um esporte de combate**. Entrevista com Pierre Bourdieu. França, 2011. Gênero: Documentário, Duração: 139 minutos.

perfeitamente a esse momento. Esse é um texto com o compromisso de tornar agora memorialística a vida, a história, a trajetória e os sonhos de todos e todas as pessoas num tempo que ficará marcado pelas mortes e pela resistência de um povo que teima em existir para além da dor.

Se o futuro é o tempo da esperança, o presente é o tempo de celebrar o dever com a memória e oferecer à sociedade um espaço para o compromisso com conhecimento do passado. Esse projeto de contrapedagogias se insurge contra a ideia de futuros engavetados e sensação de ausência de um projeto de amanhã, como um convite e uma aposta coletiva na reinvenção do cotidiano e nas transformações que realizaremos a partir de aqui e agora.

Esse livro é também um espaço para celebrar a mistura, a transformação que provêm de novas e inesperadas combinações; esse entre-vidas de pessoas, de profissionais, de estudantes, de jovens sonhadores e de utopias reencenadas por pessoas que se rebelam contra o totalitarismo de uma vida linear. Nossa forma de estar no mundo quer assegurar o direito às fabulações e as invencionices, aos risos e as agruras, a poética e a geometria, a finesse da língua e as asperezas da certeza.

Aqui, esperamos ofertar aos nossos e nossas leitores e leitoras, um local por excelência de utopias, projetando esperança nos tempos futuros para recriação de saberes ancestrais e de resistência. Nesses novos e conturbados tempos, as emoções, o afeto, são a antimercadoria contra toda tentativa de destruir a memória, a cultura e a história.

Diferente das pedagogias, as contrapedagogias não se estruturam como respostas fáceis ou mesmo reconhecíveis às estruturas de poder. São Desviantes, dissidentes, desobedientes. As contrapedagogias não são teorias para serem enquadradas em um modelo de civilização. São as pedagogias daquelas e daqueles que já não se deixam mais submeter, nem oprimir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CLIFFORD, J. **Returns**: Becoming Indigenous in the Twenty-first Century. Cambridge MA: Harvard University Press, 2013.

DANOWSKI, D; VIVEIROS DE CASTRO, E. Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins. São Paulo: Cultura e Barbárie, 2015.

HARAWAY. Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. **ClimaCom –Vulnerabilidade** [Online], Campinas, ano 3, n. 5, 2016.

KOPENAWA, Davi & ALBERT, Bruce. **A queda do céu** : Palavras de um xamã Yanomami. 1a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

MBEMBE, A. Crítica da Razão Negra. Lisboa: Antígona. 2017

PEREZ, M. **Violencia e instituciones: perspectivas queer, feministas y trans**. UBA SOCIALES, 2019.

PRECIADO, Paul. **Testo Junkie**. The feminist press 2020.

SARR, Felwine. **AFROTOPIA**. N-1 Edições, 2019.

SEGATO, Rita. **Contra-pedagogias de La crueldad**. 1ª ed.- Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

SETH, Sanjay. Rewriting Histories of Nationalism: The Politics of ‘Moderate Nationalism’ in India, 1870 –1905, **American Historical Review**, February 2013.

CAPÍTULO 2

INSTAGRAM: TECNOLOGIA, PRESENÇA E (AUTO) REPRESENTAÇÃO

Claudio Xavier

INTRODUÇÃO

Alguns paradigmas servem à compreensão da sociedade contemporânea, dentre eles o paradigma de sociedade da informação cuja essência desperta-se na infraestrutura (i)material das tecnologias digitais de informação e comunicação para interconexões e o processamento da informação em escala global (Castells, 2010; Lash, 2005). Outros paradigmas que também servem ao seu entendimento, tais como sociedade da comunicação, sociedade do conhecimento e sociedade da aprendizagem, apenas para citar os mais referenciados (Fróes Burnham, 2000), tomam as tecnologias digitais como referência para mudanças no tecido social a partir das questões que pautam.

As tecnologias digitais tem operado transformações no modo como o sujeito se relaciona com o mundo – o Ser das coisas no mundo. São transformações no comportamento frente ao mundo do trabalho, na esfera da produção do conhecimento, no lazer e entretenimento e, de uma forma ampla, corroborando as estratégias de conformação do capitalismo em um mundo cuja interconexão por mercados de bens e serviços, também se dá com a infraestrutura das tecnologias digitais e das redes de comunicação (Canclini, 1997; Ianni, 1998; Moraes, 2004).

Na recenticidade histórica das tecnologias digitais de informação e comunicação, é possível dizer que estas oferecem ao mundo um novo contexto de relacionamento marcado pela midiatização (Hjarvard, 2015) e pela plataformização (Poell et al., 2020), através de diferentes dispositivos de visualidades e interfaces para onde convergem vários sistemas, protocolos e redes, que medeiam e ‘convidam’ o sujeito contemporâneo ao consumo objetificado e aos relacionamentos sociais – profissionais, acadêmicos, afetivos, sexuais, de entretenimento e negócios, por exemplo. Está posta uma prevalência do virtual nos processos de comunicação e nas formas de interação, através do agenciamento sócio-técnico das mídias e sites de redes sociais que podem ser acessadas a partir de vários dispositivos convergentes – *multi task*.

Em uma realidade predominantemente *online* – com peso sob uma realidade *offline* – o uso social do tempo tem se tornado, por excelência, em um tempo de tela (Serroy & Lipovetsky, 2009), no qual os sujeitos, cada vez mais influenciados pelas relações de consumo material e simbólico, expressam-se consumidores com o Outro nas redes sociais *online* (Bauman, 2008). As mídias/sites de redes sociais conjugam públicos e interesses dos mais diversos, não somente pela livre escolha e preferência, em que sujeitos se identificam com a sua funcionalidade e ou comportamento e lógica de trocas de uma comunidade; mas, também, consoante a representação de instâncias de controle e apropriação de dados, através da lógica de algoritmos (*big and small data*), que recolhem as informações pessoais e as reorganizam em prol dos interesses de setores públicos e privados de controle sobre o consumo (Van Dijck, 2013). Para o bem e para o mal, esse *locus* da nova existência humana tem determinado o comportamento social através do invisível – um processo de virtualização geral e que se manifesta através da economia global e da transformação dos espaços sociais e das relações (Innerarity, 2009).

Este artigo apresenta algumas reflexões que vêm sendo feitas por este autor/pesquisador sobre o contexto das mídias sociais, nomeadamente, o Instagram¹.

RECONHECENDO O EMARANHADO

O relatório “digital 2021: relatório global” do DataReportal (Kemp, 2021), aponta novos números para a construção de um quadro sobre o uso das tecnologias digitais no mundo (Figura 1). Nota-se um crescimento populacional em torno de 1% para um total de 7,83 bilhões de pessoas; um número de 5,22 bilhões de pessoas usando telefone celular (66,6% da população mundial); 4,66 bilhões de pessoas com acesso à Internet (59,5% da população mundial); e 4,20 bilhões

1 Constitui parte de produção científica apresentada como requisito parcial ao processo institucional de mudança de classe para Professor Titular.

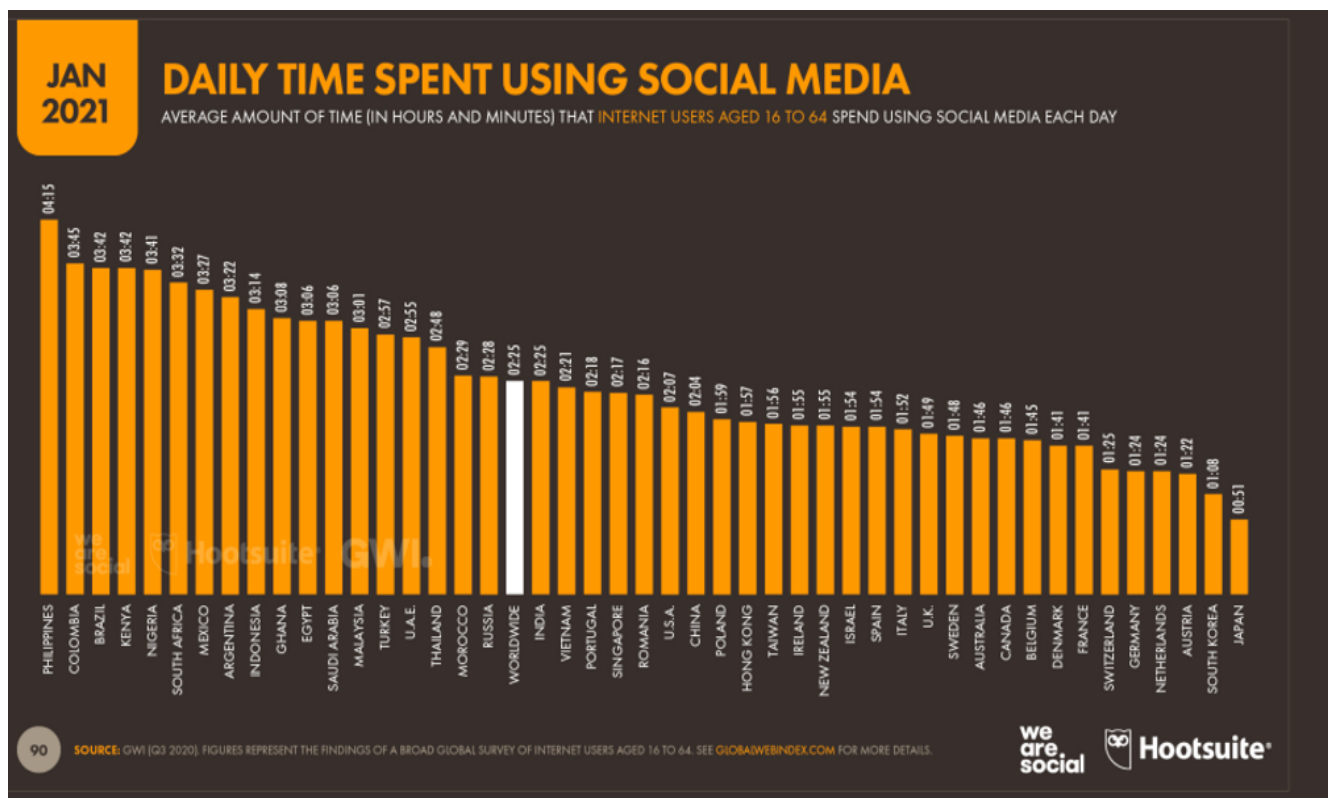
de usuários de mídia social em todo o mundo (53% da população). Enfatiza-se aqui, um aumento no número de usuários de mídia social (490 milhões no último ano), o que equivale a um crescimento de 13%. O relatório leva em consideração a existência de pessoas com mais de um perfil e também perfis com nomes de animais, objetos e não humanos. Também considera o impacto da pandemia Covid-19 nesses resultados. Embora as pessoas digam que estão gastando o mesmo tempo com o uso de mídia social, o relatório observa que houve um aumento global no tempo gasto por usuários. Neste quesito, o Brasil ocupa a terceira posição mundial – juntamente com o Kenia – em tempo dedicado ao uso de mídia social durante o ano de 2020 (Figura 2).

Figura 1 – Digital no mundo inteiro



Fonte: DataReportal 2021

Figura 2 – Tempo diário dedicado às mídias sociais



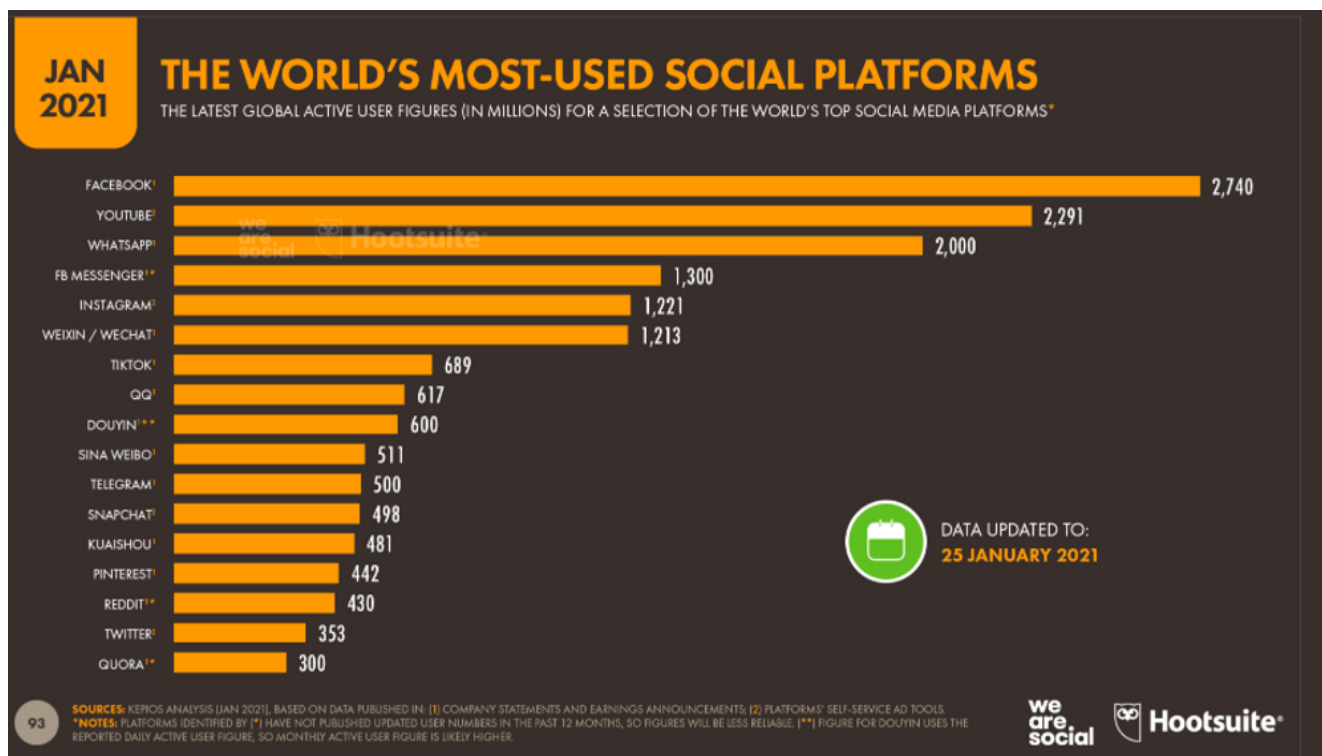
Fonte: DataReportal 2021

É possível dizer que há uma convergência no comportamento de uso das tecnologias digitais, do contexto de websites para o contexto das mídias/redes sociais *online*. Neste caso, trata-se de uma convergência não somente entre/para mídias, mas também de processos, sobretudo, entre o pensamento e a prática (Jenkins, 2000). As redes sociais *online* tem se tornado o *locus* para as relações contemporâneas, sobretudo a partir das atuais restrições impostas pela pandemia COVID-19 e os protocolos de isolamento/confinamento social. Evidenciam-se os processos de instituição e institucionalização dos serviços *online*, tornando as relações sociais não somente interconectadas, mediadas e dependentes dessas plataformas e redes de serviços, mas, principalmente, circunscritas a esse domínio.

Dentre as mídias sociais que compõem esse cenário já descrito, o Instagram é uma das principais e que mais crescem em número de usuários no mundo (Figura 3). Os dados consideram uma sobreposição de mídias por usuário – cerca de 8,5 mídias para cada usuário. Isto não significa, entretanto,

que os usuários lidam com a mesma preferência e ou intensidade com todas as mídias, em relação ao conteúdo que publicam (Kemp, 2021). O Instagram possui mais de 1 bilhão de usuários ativos no mundo. No Brasil, o número chega próximo a 100 milhões. A cada 10 usuários, 6 fazem *login* ao menos uma vez por dia e 59% das publicações são fotos.

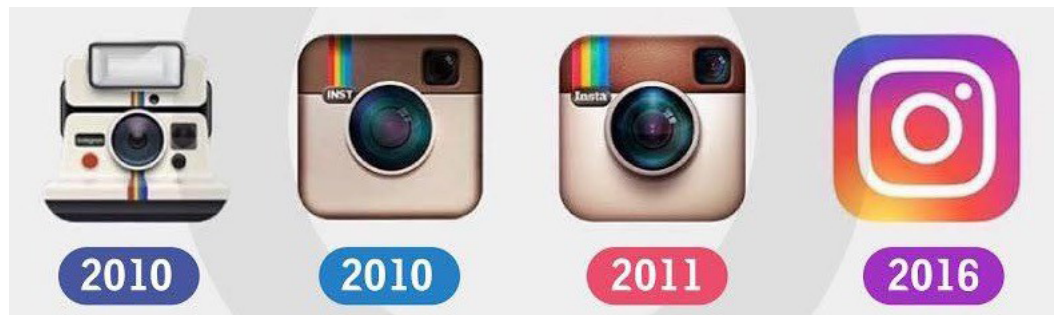
Figura 3 – Plataformas sociais mais usadas no mundo



Fonte: DataReportal 2021

O Instagram surge como uma mídia social para uso acadêmico e com o objetivo tão somente fotográfico. Vem realizando alterações e inovando no seu propósito e estrutura iniciais, ao reunir características de outras mídias concorrentes e mais textuais, como o Facebook e Twitter (interface de blog, *instant messenger* e publicações objetivas); e características mais imagéticas, como o Pinterest, SnapChat e Persicope (fotografia e vídeo – *story* e *reels*). A sua logo tem buscado representar essas mudanças através do redesign sem, entretanto, perder a conexão com a câmera Polaroid (Figura 4).

Figura 4 – Redesign logo Instagram



Fonte: @digitaltips_academy

Neste sentido, o Instagram figura como uma das mídias sociais preferidas entre públicos distintos, prometendo contemplar desde a representação da cultura dominante à representatividade de minorias subalternizadas e ou invisibilizadas – personalidades, artistas, políticos, empreendedores, marcas, segmentos de mercado e anônimos – que elegem a fotografia como ponto central de suas narrativas.

(REDES)COBRINDO O CORPO

A presença do sujeito com as tecnologias digitais põe em questão a expansão do corpo em suas estruturas rizomáticas enquanto espaços/lugares políticos de poder, reavaliando os processos de comunicação, as interações sociais e a produção de conhecimento. De um lado, as redes se apresentam como espaços/lugares de fluxo (Castells, 2010), em que se evidenciam estratégias de controle sobre o corpo e a sua atuação nos diversos *loci* de produção, constituindo-se no que os estudos caracterizam como abordagem transhumanista (Marotta, 2017). Do outro, no sentido dialeticamente oposto e tendo como base a ‘teoria crítica’ e os ‘estudos culturais’, o pós-humanismo rejeita a ideia de que os humanos devem controlar o mundo natural, estando muito mais preocupado com as subjetividades (Marotta, 2017) intelectuais e emocionais humanas.

As imagens representativas do transhumanismo encontram na tecnologia as possibilidades de superação dos limites do corpo, acreditando no aumento de suas capacidades físicas, cognitivas e emocionais como promessa de liberdade e

racionalidade para o sujeito – ideal da modernidade. Tem como base a cibernética enquanto modelo de ciência cooperada², cuja finalidade é a integração de organismos materiais e humanos para um melhor desempenho e controle dos corpos (Wiener, 1962). Entre o visível e o imaginário, o transhumanismo está presente nas produções cinematográficas e na literatura de ficção científica com as suas criações de super-heróis e ciborgues, alimentando desejos de super-poderes e de imortalidade. Reaparece na mídia e na propaganda cosmética, drogas, suplementos e intervenções cirúrgicas da indústria farmacêutica cuja promessa de juventude institui um padrão incansável de beleza e performance (Balakrishnan, 2016; Marotta, 2017; Vicini & Brazal, 2015). O transhumanismo tem nesse agenciamento os meios para instituir um novo estatuto de vida em que se possa subtrair o ‘determinismo’ do nascer, crescer, reproduzir, envelhecer e morrer (com o adoecer e a sorte de [des]igualdades permeando essas fases) a partir da ilusão de escolha (promessa) de um Ser ideal capaz de acreditar na tecnologia salvacionista e na descorporificação (*disembodiment*), como alianças fundamentais para alcançar a “terra prometida” (Wertheim, 2001). No transhumanismo o corpo é compreendido como o responsável pelo fracasso do projeto de imortalidade.

No sentido dialeticamente oposto, o pós-humanismo compreende a tecnologia como parte das mudanças sociais. Não considera as tecnologias digitais como uma utopia, mas como reflexo das estruturas sociais dominantes (Marotta, 2017). A condição do acesso não diz respeito tão somente à inclusão de tecnologias na vida e contexto dos sujeitos, mas também a inclusão dos sujeitos no contexto tecnológico – ou como as tecnologias possuem os sujeitos – com o objetivo de minimizar as desigualdades sociais. Nesse sentido, acesso e inclusão podem significar “mutação moderna de práticas anteriores de vigilância

2 A cibernética tem origem no início do século passado. Enquanto ciência, pretendia o controle de seres vivos e máquinas com a cooperação de outras áreas do conhecimento como a psicologia, biologia e eletrônica por exemplo. A etimologia da palavra cibernética “deriva do grego *kybernētikē*, arte de governar (os homens)” (Cunha, 2001)

e os interesses dos conglomerados corporativos globais [GAFAM³] que também acessam os sujeitos indiscriminadamente” (Balakrishnan, 2016). Posto que os sujeitos incorporam a tecnologia ao seu *self*, o pós-humanismo defende que o Eu não pode ser ameaçado nem diminuído por esses dispositivos, Posto que os seres humanos incorporam a tecnologia como ajuda como ajuda para o Eu, para a identidade e o ser, mas não há confusão nem substituição; a tecnologia é apenas parte do corpo e aceita como tal” (Vicini & Brazal, 2015). Baseado no filme *Transcendence*, com Jhoni Deep, o texto fala inicialmente da saída (que se torna controle humano. No pós-humanismo a tecnologia pode ajudar Eus e Outros, enquanto processos de identidade e identificação, ao se colocar ontologicamente diferenciada do humano (Marotta, 2017). Diferentemente do projeto de dominação capitalista através do classismo, sexismo e racismo rearticulados numericamente, a tecnologia extensão do *self* pode contribuir para a transgressão da fronteira entre masculino e feminino (Haraway, 2000).

Como possibilidade crítica ao transhumanismo e ao pós-humanismo – entendendo que essas correntes parecem inadequadas para lidar com quaisquer desafios bioéticos relacionados à saúde – a bioética teológica, baseada em valores e direitos do humano, tendo como referência [mitológica] o “corpo de Cristo”, argumenta que

O “corpo de Cristo” refere-se não apenas ao corpo humano de Jesus Cristo, mas também à Eucaristia, à igreja de maneira metafórica e ao corpo escatológico de Cristo na criação. Assim, na era cibernética [das redes], essa imagem poderia orientar nossa reflexão sobre o humano e sobre nossa corporeidade, concentrando-nos na incorporação, na sacramentalidade, na diferença e na solidariedade. (Marotta, 2017) intelectuais e emocionais humanas. Diz respeito aos ideais iluministas de perfectibilidade, racionalidade e liberdade. Trata-se de uma representação do heteropatriarcado, masculino (Wolfe, 2009 apud Marota, 2017

3 GAFAM – Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft compõem um conglomerado corporativo financeiro que controla os serviços de dados e informações pessoais, através da monetização da audiência e do comportamento de consumo de usuários e que servem à expansão do capital.

Identificadas e apresentadas essas três correntes do pensamento sobre o presente/futuro do corpo sujeito/objeto em relação às tecnologias digitais, nomeadamente, a sua expansão nas redes sociais *online*, importa compreender o que caracteriza o corpo nesse novo contexto de relacionamento. Assim, é possível falar do sujeito e sua presença nas redes sociais *online* a partir das formas que constituem a sua (auto)representação através da fotografia.

A fotografia, enquanto imagem pós-fotográfica – estruturada em uma matriz numérica, composta por *pixels* de uma tela e vinculada ao tempo futuro (Santaella & Noth, 2001) – continua sendo uma das características mais fortes do Instagram. 59% das publicações são fotos (Kemp, 2021). Como na fotografia analógica, a imagem digital ou pós-fotográfica do Instagram se converte em um instante/registro e linguagem. Porém, exteriorizados, são representação de uma cultura da informação oral-cibernética, das imagens-textos e imagem-informação. Diferentemente da narrativa que conta(va) muito sobre a família (pequeno)burguesa e heteropatriarcal, através dos álbuns históricos e paredes emolduradas, a imagem pós-fotográfica do Instagram possui uma relação direta com a narrativa do sujeito e sua história individual (Moreno, 2012), contada para o mundo através da construção do seu perfil.

Segundo Bruno Latour (1994), a partir da teoria ator-rede, não somente o sujeito é um ator, mas também a rede. Como esta não pode ser chamada de ator humano, Latour denomina a rede e os sujeitos de “actantes”. Concebe o mundo social como uma rede de actantes humanos e não humanos interligados que fazem coisas juntos. A rede, mais do que uma extensão do corpo, é o próprio corpo, um ente que se constitui na ação (Latour, 1994, 2012). Assim, um perfil existe além da forma com a qual representa o sujeito (imagem do sujeito); é um corpo à parte, na e com a rede, em performances de negociação e como resultado de sua presença e interações – Eus e Outros, actantes.

Em cada perfil *online* há uma (co)existência pulsante, uma imbricação sofisticada entre o corpo e as redes. O imaginário individual e coletivo ocupa

uma dimensão muito mais abrangente e significativa por haver uma identificação com a (i)materialidade do digital, o que certamente conduz a uma lógica de (auto) representação a partir de sentimentos, pensamentos e ações. Cada publicação de imagem/texto fala sobre o sujeito através de uma dinâmica de acontecimentos na rede (*offline/online*). Um padrão de narrativas objetificadas pelo consumo (Bauman, 2008), expressos na roupa que veste, marcas, bebida preferida, restaurante do momento, prato *gourmet*, viagem dos sonhos, amor romântico, paisagem natural, atividade desportiva, celebrações e conquistas, festas *vip*, melhores amigos, virilidade, etc. Diferentemente da comunicação massiva, quem faz a espetacularização agora é o sujeito (Debord, 1997), sobre si; sobre aquilo que compreende como digno, importante, útil e necessário exibir.

A escolha do que deve ser exibido é também uma negociação com as imagens, um movimento em (re)significar o que é instituído. Uma espécie de (re) apropriação dos signos dominantes com sentido próprio, enquanto processo de (in)formação e autoria (Flusser, 2007). Uma incessante (re)construção de si, de identidades e identificações como produção de sentido – cultura – do presente/futuro (Hall, 2006). De acordo com Sofia Caldeira, motivado pela memória e documentação “a cada momento o eu é refletido reflexivamente à luz de novos eventos, e revela-se suficientemente flexível para ser mudado livremente” (Caldeira, 2016) e como afirma Mariana Musse, em busca da aprovação social as plataformas descentralizam a produção de narrativas, tonando-se espaço/lugar para discursos próprios e autênticos de novas sociabilidades e para a gestão de si, de relacionamentos e afetos (Musse, 2017, 2019).

Torna-se importante referenciar dois grandes projetos desenvolvidos no *Cultural Analytics Lab*⁴, sob a direção do pesquisador Lev Manovich. O primeiro, *selfiecity*, apresenta uma demografia das *selfies* em cinco grandes cidades do mundo, usando métodos teóricos, artísticos e quantitativos. Localizadas *selfies*

4 O grupo se propõe ao estudo da cultura contemporânea usando ciência de dados, visualização de dados e teoria da mídia.

em Bangkok, Berlin, Moscow, New York e São Paulo, foram selecionadas aleatoriamente 120.000 fotos com o auxílio de um software desenvolvido pelo próprio laboratório. Essa primeira recolha e análise de dados consistiu em estimativas algorítmicas das posições dos olhos, nariz e boca, graus de diferentes expressões, etc; e considerações sobre idade e gênero. Numa segunda análise, humana, foram selecionadas 640 fotos de cada uma das cidades, mantendo um mesmo tamanho de dados e visualizações comparáveis. Os resultados apontam que as pessoas tiram menos *selfies* do que se imagina; a idade média dos homens é superior a das mulheres em todas as cidades; as cidades com mais sorrisos são Bangkok e São Paulo; as mulheres fazem poses mais expressivas, em São Paulo, principalmente (Manovich, 2014).

O segundo projeto, *Visual Earth*, analisa o crescimento no compartilhamento de imagens em todo o mundo, em relação às diferenças econômicas, geográficas e demográficas. São analisadas 270 milhões de imagens compartilhadas no Twitter em 100 áreas urbanas situadas em seis continentes (20 cidades em países com renda baixa; 20 em países com renda média baixa; 27 em países com renda média alta; e 33 em países com renda alta. Os resultados indicam que o aumento médio de imagens compartilhadas por mês é de 11,8%. Das dez principais cidades com maior número de imagens compartilhadas, quatro estão em países de alta renda; quatro em média alta; e duas em países de renda média baixa. Entretanto, em relação ao compartilhamento de imagens e o desenvolvimento econômico, quanto mais baixo for o nível de desenvolvimento econômico, mais rápido é a taxa de crescimento no compartilhamento de imagens. Também aponta, quanto mais jovem for a população do país, maior é o número de compartilhamento de imagens (Manovich, 2017).

O primeiro estudo desenvolvido por Manovich propõe que a *selfie* é um subgênero do autorretrato e um produto colateral das tecnologias digitais, em

especial os dispositivos móveis (Tifentale, 2014). Tendo sido desenvolvido por um laboratório composto predominantemente por homens, as análises sobre as *selfies* femininas poderiam considerar um olhar político sobre os feminismos; as críticas certamente apontariam para uma leitura binária de gênero; os padrões biométricos manuais e mecânicos utilizados na leitura de rostos, reforçam uma sociedade de vigilância (Losh, 2013). Em relação ao segundo estudo, *Visual Earth*, os resultados contribuem para um pensar sobre a importância de um olhar crítico que contemple a diversidade, diferença e desigualdade postas em análises que corroboram a manutenção de uma sociedade capitalista, de consumo e desigual.

Se por um lado, as redes sociais *online* conduzem a reflexão do eu, através da sociabilidade digital e da hipersignificação (Santaella, 2007). Por outro, na realidade *online* também ocorrem processos de invisibilização de minorias através de microagressões algorítmicas quando, por exemplo, buscas e exibições refletem resultados que evidenciam o privilégio de pessoas brancas, magras, cis-hétero corroborando a sóciopolítica hegemônica da supremacia branca, heteropatriarcal e generificada (Silva, 2020).

CORPO (IN)FORMAÇÃO E EXPERIÊNCIA VIVIDA

Ao longo do processo (in)formativo deste autor, algumas pesquisas foram desenvolvidas contemplando a interseção educação e comunicação a partir da relação imagem-corpo-tecnologia⁵. Essa tríade constitui a base teórico-conceitual-metodológica desta pesquisa em desenvolvimento cujo foco é o corpo sujeito/objeto e a (auto)representação nas redes sociais *online*, nomeadamente, no Instagram, a partir da construção conceitual de EGOMUSEU.

5 “Ciberespaço, cibercorpo, ciberaprendizagem: o novo status do conhecimento”, pesquisa realizada durante o mestrado em educação - 2004; “Imagem-corpo-tecnologia: (in)formação visual na era ciber”, pesquisa realizada durante o doutoramento em Ciências e Tecnologias da Comunicação – 2008; “Corpo (a)cúmulo e corpo-museu: o potencial de inovação nas dinâmicas com as redes sociais”, pesquisa realizada durante o pós-doutoramento – 2017.

O egomuseu diz respeito à musealização de si através de imagens documentadas, colecionadas, acumuladas e expostas como ritual de musealização de desejos e afetos, do corpo, de Eus e Outros. A construção conceitual tem sido realizada através de revisão de literatura em base de dados especializada (Xavier & Oliveira, 2017), apresentação em eventos como possibilidade de comunicação com pares (Xavier, 2018), uma sequência de projetos desenvolvidos e em desenvolvimento⁶ buscando identificar e cartografar perfis públicos no Instagram – artistas ativistas; artistas de rua; artistas midiáticos; moda e feminismo negro; empreendedoras negras e inovação; autoria e corpo da mulher negra; masculinidade hegemônica na cultura gay.

O desenvolvimento dessas pesquisas tem demonstrado que a participação do sujeito no processo de tessitura do sócio-cultural – direta ou indiretamente – tem se dado de formas limitadas e complexas. Neste sentido, as questões impostas são: 1) para onde converge o sujeito instituinte através da musealização de si e da (auto)representação no Instagram? 2) De que forma a construção de identidades e identificações, através da (auto)representação de minorias invisibilizadas, contribui para uma participação coletiva no enfrentamento à cultura hegemônica? O objetivo é compreender como se dá a participação de minorias invisibilizadas e subalternizadas em espaços/lugares em que a construção de identidades se constitui importante marcador para o protagonismo e a representatividade através da musealização de si em um novo contexto de relacionamento com as redes sociais *online*, nomeadamente, no Instagram (Xavier & Souza, 2021).

Do ponto de vista metodológico, o pesquisador adota uma atitude multirreferencial buscando exercitar um olhar plural em relação ao *locus* – campo, objeto, sujeitos – com o objetivo de extrair o máximo de informações através do que denomina de cartografia (Passos et al., 2009) multirreferencial (Froes Burnham & Coletivo de Autores, 2012). Essas informações servem para compreender

6 Parte de estudos realizados no Grupo de Pesquisa INTERFACES e através do Programa Afirmativa e de Iniciação Científica da Universidade do Estado da Bahia-UNEB.

a presença do sujeito nas redes e as diversas territorialidades cambiantes: as competências para lidar com a informação, os processos comunicacionais e o uso da própria tecnologia através da (auto)representação. Toma como ponto de partida a reflexão conceitual sobre autoria ao considerar que na (auto)representação em perfis públicos no Instagram existe uma repetição de signos que remetem ao autor (Foucault, 2001); à pessoa humana (Barthes, 2004); um gesto (Agamben, 2009); o rosto do Outro como infinito (Lévinas, 2000).

REFERÊNCIAS

Agamben, G. (2009). O que é um dispositivo? In *O que é o contemporâneo? E outros ensaios* (p. 211). Argos.

Balakrishnan, S. (2016). Historicizing Hypertext and Web 2.0: Access, Governmentality and Cyborgs. *Journal of Creative Communications*, 11(2), 102–118. <https://doi.org/10.1177/0973258616644809>

Barthes, R. (2004). A morte do autor. In *O rumor da língua* (p. 189). Martins Fontes.

Bauman, Z. (2008). *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias* (Carlos Alb). Zahar.

Caldeira, S. P. (2016). Identities in Flux: An Analysis to Photographic Self-Representation on Instagram. *Observatório (OBS*) Journal*, 10(3), 135–158. <https://doi.org/10320161031>

Canclini, N. G. (1997). *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização* (3rd ed.). Editora UFRJ.

Castells, M. (2010). *A sociedade em rede* (R. V. Majer (ed.); 6th ed.). Paz e Terra.

Cunha, A. G. (2001). *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa* (2 Ed). Nova Fronteira.

- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo* (E. dos S. Abreu (ed.); 1st ed.). Contraponto.
- Flusser, V. (2007). *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação* (R. Cardoso (ed.)). Cosac Naify.
- Foucault, M. (2001). O que é um autor? In *Ditos e Escritos: estética - literatura e pintura, música e cinema: Vol. III* (Issue 3, pp. 264–298). Forense Universitária.
- Fróes Burnham, T. (2000). *Sociedade da informação, sociedade do conhecimento, sociedade da aprendizagem: implicações ético-políticas no limiar do século* (L. Lubisco, Nídia; Brandão (ed.); Informação). EDUFBa.
- Froes Burnham, T., & Coletivo de Autores. (2012). *Análise cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem: currículo, educação e gestão/difusão do conhecimento*. EDUFBa.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade* (11ed ed.). DP&A.
- Haraway, D. (2000). Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In T. T. da Silva (Ed.), *Antropologia do ciborgue* (pp. 37–129). Autêntica.
- Hjarvard, S. (2015). Da mediação à midiatização: a institucionalização das novas mídias. *Revista Parágrafa*, 3(2), 51–62. <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/331>
- Ianni, O. (1998). As ciências sociais na época da globalização. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 13(37).
- Innerarity, D. (2009). *A sociedade invisível: como observar e interpretar as transformações do mundo actual* (M. Ruas (ed.); Originalme). Teorema.
- Kemp, S. (2021). *Digital 2021: global overview report - global digital insigh*. Data-reportal. <https://datareportal.com/reports/digital-2021-global-overview-report>
- Lash, S. (2005). *Crítica de la información* (1st ed.). Amorrortu.

Latour, B. (1994). *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica* (1 Ed). Editora 34.

Latour, B. (2012). *Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede* (Edufba/Edusc (ed.)).

Lévinas, E. (2000). *Totalidade e infinito*. Edições 70.

Losh, E. (2013). Beyond Biometrics: Feminist Media Theory Looks at Selfiecity. *Selfiecity.Net*. http://d25rsf93iwlmgmu.cloudfront.net/downloads/Liz_Losh_BeyondBiometrics.pdf

Manovich, L. (2014). *Selfiecity: investigating the style of self-portraits (selfies) in five cities the world*. Cultural Analytics Lab. <http://www.selfiecity.net>

Manovich, L. (2017). *Visual Earth*. Cultural Analytics Lab. <http://www.visual-earth.net>

Marotta, V. (2017). The Cyborg Stranger and Posthumanism. In *Theories of the Strange: debates on cosmopolitanism, identity and cross-cultural encounters* (1st ed.). Routledge Taylor & Francis Group.

Moraes, D. de. (2004). A lógica da mídia no sistema de poder mundial. *Revista de Economia Política de Las Tenologias de La Información e Comunicación*, VI(2004), 16–36. www.eptic.com.br

Moreno, N. (2012). El ego erecto: Autorrepresentaciones en la era de Internet. *Atalante*, 13, 105–109.

Musse, M. F. (2017). *Narrativas fotográficas no Instagram: autorrepresentação, identidades e novas sociabilidades*. Insular.

Musse, M. F. (2019). Do álbum de família ao álbum afetivo: as narrativas da memória que transitamente a fotografia analógica e a digital. *Lumina*, 13(1), 77–90. <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2019.v13.26079>

- Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. da. (2009). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Sulina.
- Poell, T., Nieborg, D., & Dijck, J. Van. (2020). Plataformização. *Fronteiras - Estudos Midiáticos*, 22(1), 1–10. <https://doi.org/10.4013/fem.2020.221.01>
- Santaella, L. (2007). *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. Paulus.
- Santaella, L., & Noth, W. (2001). *Imagem: cognição, semiótica, mídia* (3a ed.). Iluminuras.
- Serroy, J., & Lipovetsky, G. (2009). *A Tela Global: mídias culturais e cinema na era hipermoderna*. Sulina.
- Silva, T. (2020). *Comunidades , Algoritmos e Ativismos Digitais* (T. Silva (ed.); Issue May). LiteraRUA.
- Tifentale, A. (2014). The Selfie: Making sense of the “Masturbation of Self-Image” and the “Virtual Mini-Me.” *Selfiecity.Net*, 1–24. http://d25rsf93iwlmgcu.cloudfront.net/downloads/Tifentale_Alise_Selfiecity.pdf
- Van Dijck, J. (2013). “You have one identity”: performing the self on Facebook and LinkedIn. *Media, Culture & Society*, 35(2), 199–215. <https://doi.org/10.1177/0163443712468605>
- Vicini, A., & Brazal, A. M. (2015). Longing for Transcendence: Cyborgs and Trans- and Posthumans. *Theological Studies*, 76(1), 148–165. <https://doi.org/10.1177/0040563914565308>
- Wertheim, M. (2001). *Uma história do espaço de Dante à Internet*. Jorge Zahar.
- Wiener, N. (1962). *Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos* (2 Ed). Cultrix.
- Xavier, C. (2018). Egomuseu: (auto)representação, (in)formação e autoria no Instagram. *41º Congresso Brasileiro de Ciências Da Comunicação - INTERCOM, Joinville-2018*. <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018>

Xavier, C., & Oliveira, L. (2017). Egomuseum : (self) representation in social media. *IEEE*. <https://doi.org/10.23919/CISTI.2017.7975714>

Xavier, C., & Souza, L. R. de. (2021). Egomuseu: autores/artistas ativistas no Instagram. *Journal of Digital Media & Interaction*, 4(10), 38–59. <https://doi.org/10.34624/jdmi.v4i10.24382>

CAPÍTULO 3

“A COMPLEXIDADE DA VIDA”: CIBERCULTURA E A FORMAÇÃO DO CIBERRACISMO

João mouzart de Oliveira Junior

INTRODUÇÃO

O refinamento do olhar possibilita captar as intencionalidades materializadas nas relações de interação em rede e servem para rastrear as experiências firmadas nesses contextos. Assim, ao tentar fazer uma escavação pelo o olhar é possível decupar as camadas que foram sendo sobrepostas ao longo do tempo, evidenciando os elementos que não estavam visíveis na cena.

A metáfora do refinamento e da escavação pelo olhar, ajuda a explicar a sensação que tenho em captar as diferentes oscilações que emergem do universo da cibercultura, uma vez que ele se encontra “recheado de sentidos”, como bem expressou Lemos (2008), salientando uma sintonia entre as sociedades, tecnologias e culturas que agora se relacionam e criam outros contextos interativos na contemporaneidade. Desta maneira, não tem como pensar a cibercultura sem olhar para suas dinâmicas, marcadas por influências mútuas, visto que proporcionam circulação incessante de informações que se movimentam em diferentes direções nas redes telemáticas, ao corroborar com a promoção de sociabilidades online e se constituem como uma espécie de cultura de compartilhamento através dos dispositivos eletrônicos que potencializam as relações sociais (LEMOS,2004).

Impossível produzir qualquer escrita nos dias de hoje sem lembrar que no dia 11 de março de 2020, foi declarado oficialmente pela Organização Mundial da saúde -OMS, a pandemia causada por um novo tipo de coronavírus (SARS-CoV-2), que se alastrou rapidamente a partir da cidade de Wuhan na China.

A informação era de que a COVID-19 havia mudado seu status de contágio, sendo elevada à pandemia, devido a rápida disseminação da tendência epidemiológica de ampla escala no mundo. No contexto brasileiro, o Ministério da Saúde já tinha sinalizado o registro do primeiro caso da doença no país, no dia 26 de fevereiro de 2020 e foi apresentada pela imprensa nacional a primeira

morte em razão de infecção por SARS-CoV-2, um dia depois da OMS declarar situação de pandemia no contexto global. O fenômeno descrito corrobora para as alterações de interação na atualidade ao transportar diferentes sociedades para as conexões sociais tecidas no ambiente da cibercultura.

Assim, mudaram-se os processos relacionais dentro da sociedade e começavam a aparecer novos processos de sensibilização para as mudanças de interação que viriam, afetando vínculos educacionais, familiares, amizades, trabalhos, ludicidade, saúde, religiosidades, processos econômicos e políticos que agora se intensificam pela mediação e acesso a diferentes aplicativos, redes de interação e uso de equipamentos tecnológicos existentes que estabelecem uma ligação com o mundo da cibercultura. Portanto, não tem como pensar nas dinâmicas e configurações da cibercultura, sem observar os fenômenos que nos atravessam no presente, especificamente, o impacto da COVID-19 nas relações globais e locais que enuncia e denuncia os movimentos do racismo nas interações dentro e fora das redes.

Nesse sentido, este texto objetiva compreender o universo da cibercultura atrelado a formação do fenômeno do ciberracismo nas relações e interação dentro e fora do mundo digital na contemporaneidade. Este exercício que faço aqui, evoca as sinalizações de Oliveira (1996) que o fenômeno analítico precisa ser “visto” e “descrito”. No caminho que evoca um refinamento do olhar, ouvir, escrever e sentir as diferentes sensações que o campo proporciona ao antropólogo@ que se debruça sobre uma certa realidade, experimentando e captando as relações sociais que são tecidas nas diferentes esferas da vida. Desta maneira, penso o fazer etnográfico como um movimento de refletir e exercitar uma “filosofia com as pessoas dentro” como destacou Ingold (2018) e como complementou Latour (2019) que a dimensão dos objetos e das pessoas não são tão diferentes mas, deve ser observada em sua interconexão com os processos relacionais.

A filosofia que se produz contemporaneamente pode contribuir para sair de uma relação binária de natureza-cultura, ao pensar a vida em um movimento

filosófico que envolve tudo o que está presente na dinâmica de uma interconexão, afastamentos e ruptura.

Saliento que fiz um esforço analítico para pensar a negação e as experiências vividas dentro da cibercultura, buscando observar as dinâmicas elaboradas para esse universo e seu impacto sobre o modo de vida das pessoas, especificamente, das comunidades negras, sendo possível fazer leituras dos universos escolhidos, agora conduzidos através do que se apresenta nessas realidades virtualizadas.

“ARANDO O TERRENO”: O FENÔMENO DO RACISMO NO SÉCULO XXI, ENTRE OS CONTEXTOS GLOBAIS E LOCAIS

As primeiras décadas do século XXI foram marcadas por importantes iniciativas que chamaram atenção para as realidades das pessoas negras em diferentes contextos globais. Os movimentos se deram diante da continuação e criação de agendas lançadas pela Organização das Nações Unidas/ONU e adentram no debate das questões étnico-raciais, onde destacam-se a continuidade do ‘Dia Internacional para Eliminação da Discriminação Racial’, criado em 1966, que a partir de 2010 passou a ser delimitado em algumas temáticas⁴ para refletir e combater o racismo na contemporaneidade. A data escolhida para este posicionamento político faz alusão ao dia 21 de março, em virtude do ataque policial em Sharpeville, na África do Sul em 1960, que com extrema frieza se disparou diversos tiros numa manifestação pacífica contra as “leis de aprovação” do regime do apartheid que matou 69 pessoas. No século XXI, a agenda destacou uma

4 As principais temáticas e iniciativas : Desqualificar o Racismo (2010); a ampla e contínua incidência da discriminação racial no mundo (2011); histórias que ilustram avanços e retrocessos do combate ao racismo no País e Criação da # FirstRacismo- lutar contra o racismo (2012); o poder do esporte para acabar com o problema do racismo (2013); O papel dos líderes no combate ao racismo e à discriminação racial(2014);Aprendendo com as tragédias para combater a discriminação racial hoje (2015) ; A discriminação racial divide e mata (2016); Perfil racial e incitação ao ódio, inclusive no contexto da migração (2017); Promoção da tolerância, inclusão , unidade e respeito pela diversidade no contexto do combate à discriminação racial (2018); Atenuando e combatendo o populismo nacionalista crescente e as ideologias de supremacia extrema (2019); Reconhecimento, justiça e desenvolvimento: A revisão intercalar da Década Internacional para Afrodescendentes (2020) e “Juventude se levantando contra o racismo”(2021).

preocupação de não esquecer os mecanismos de extermínio das comunidades negras e a criação de um espaço de memória que materializasse como o racismo reverbera nas relações sociais, como uma necropolítica, conforme define Mbembe (2018).

Em 2011 é firmado outro movimento, com o intuito de desestabilizar as práticas de racismo e fazer com que elas sejam debatidas nas diferentes realidades em que se expressa. Se estabelece agora o ‘Ano Internacional das e dos Afrodescendentes’, que reforça o acordo com o combate ao racismo, a discriminação, a intolerância e as desigualdades raciais em uma escala mundial. Mesmo com essa iniciativa de enfrentamento, pode-se visualizar, no corrente ano, o aparecimento de práticas ciberracistas em relação às representações negras, especialmente as que possuem visibilidade, como foi o caso da Miss Universo Leila Lopes, angolana de 25 anos que teve sua imagem postada num site internacional que se define “nacionalista branco e adeptos do ditador nazista Adolf Hitler”. É interessante ressaltar que os repertórios racistas lançados foram escritos tanto em língua portuguesa e inglesa, associando os fenótipos de Leila Lopes a um animal, ao classificá-la como “macaca” para deslegitimar a sua humanidade.

Assim, as práticas ciberracistas lançadas se constituem enquanto um elemento de *ataque* que se apresenta como mecanismo que desestabiliza, ainda no presente, as imagens das comunidades negras. Nesse sentido, é que o ataque se torna um ponto crucial para se refletir sobre as demarcações das diferenças das comunidades negras na cibercultura. Assim, as experiências contemporâneas do ciberracismo atravessam os discursos dos racistas no trato com a representatividade, estética e autoestima das comunidades negras presente no universo digital, uma vez que essas práticas têm a intenção de desarticular as políticas conquistadas pela coletividade negra.

A prática ciberracista apresentada nas redes sociais pode ser lida à luz do Pensamento de Fanon (2008) ao retratar o modo como estes elementos nos conduzem a empreender uma análise psicológica no subconsciente daqueles

que sofrem com a violência estigmatizante, fazendo perpetuar os jogos das diferenças. Ao pensar as diferenças torna-se fundamental captar as perspectivas destacadas por Kilomba ao entender que:

Marcar quer dizer também falar sobre diferenças. Por exemplo, como pessoas negras, muitas vezes, somos referidos como diferentes. E eu coloco a questão: diferente de quem? Quem é diferente? Tu és diferente de mim ou eu sou diferente de ti? Para dizer a verdade nós somos reciprocamente diferentes. Então a diferença vem de onde? Eu só me torno diferente se a pessoa branca se vê como ponto de referência, como a norma da qual eu difiro. Quando eu me coloco como a norma da qual os outros diferem de mim, aí os outros se tornam diferentes de mim. Então é preciso a desconstrução do que é diferença (KILOMBA, 2016, p.4).

Por isso, ao pensar as diferenças tecidas na cibercultura fica “evidente que a verdadeira desalienação do negro implica uma súbita tomada de consciência das realidades econômicas e sociais, visto que, só há complexo de inferioridade após um duplo processo”, sendo um deles alimentado através da “interiorização, ou melhor, pela epidermização dessa inferioridade”. Em tal sentido, considera-se a necessidade de interpretação do lugar das comunidades negras na sociedade, atreladas às imposições de subalternidade que são difundidas para o grupo e transportadas para a cibercultura, ou seja, “a alienação do negro não é apenas uma questão individual. Ao lado da filogenia e da ontogenia, há a sociogenia” (FANON, 2008, p.28).

Dito isto, o ciberracismo situa-se dentro das arquiteturas de sua temporalidade e ao aproximar esse fenômeno das ideias de Fanon (2008) deve ser considerado como problema humano ou de humanidade.

Portanto, não foi por acaso que além da Miss Universo Leila Lopes, todas as outras candidatas negras sofreram com a efetivação das práticas ciberracistas sobre si, o que demonstra o fenômeno do ciberracismo na cibercultura e como ele se perpetua sobre os corpos negros em dimensões globais. Em virtude disso, as comunidades negras tentam desmontar a historicidade alimentada nas diferentes sociedades, ensinando outras formas de se colocar no mundo, gerando grande impacto no processo de construção da identidade nas relações tecidas na ciber-

cultura, ao positivar a visibilidade do corpo negro e sua aceitação, atesta a sua importância como manutenção de símbolos identitários (GOMES, 2003).

As práticas ciberracistas são relações que invadem as nossas intimidades cotidianas materializadas na cibercultura e que vão se construindo entre as raízes das memórias e afetações. Dessa maneira, pensar no ciberracismo é pensar em como conectar novos mundos com a essência da existência e resistência. Por isso, a negação da humanidade das comunidades negras encontra-se entre as experiências e as zonas subjetivas dos mapas de afeto, que perpassam os corpos, os gestos, a imagem, as vozes, o grito, o choro e o silêncio, que estão conectados entre as violências e apagamentos que são instituídos às corporalidades negras (KILOMBA, 2019; OLIVEIRA JUNIOR, 2020).

Outro importante movimento foi a instituição da ‘Década Internacional de Afrodescendentes’ estabelecida por meio de sua Resolução n. 68/237, de 23 de dezembro de 2013, momento dedicado aos povos de ascendência africana e que marca o reconhecimento das violências impostas para essas comunidades negras ao longo do tempo. O ponto central que dialoga com a nossa reflexão, é olhar para os acordos estabelecidos cuja finalidade é de proporcionar o fortalecimento das políticas de proteção e das promoções de ações contínuas para esse segmento entre os anos de 2015-2024. Constataram “que cerca de 200 milhões de pessoas autoidentificadas como afrodescendentes vivem nas Américas. Muitos outros milhões vivem em outras partes do mundo, fora do continente africano” (ONU, 2013, p.1). Dado importante para pensar os territórios em que o racismo se operacionaliza com maior densidade nas diferentes esferas sociais, inclusive deslocadas para o mundo virtual.

Em 2020, dois meses depois do ‘Dia Internacional para a Eliminação da Discriminação Racial’ cujo tema foi *Povos de ascendência africana: reconhecimento, justiça e desenvolvimento*, repercutiu no ciberespaço o vídeo colocado em rede por uma testemunha que mostrava a morte do cidadão negro George Floyd, de 40 anos, sendo imobilizado no chão, que proferia as seguintes palavras

‘não consigo respirar’, enquanto um policial mantinha o joelho sobre seu pescoço, causando uma onda de indignação e ao mesmo tempo, tendo seguidores que defendiam e apoiavam a ação. O episódio fez alusão a outra situação que aconteceu em 2014 em Nova York com Eric Garner, um negro que morreu ao ser preso que proferiu onze vezes, as mesmas palavras, “Não consigo respirar”.

Ambas as práticas de racismo adentraram ao debate no ciberespaço. No movimento “Não consigo respirar” que se tornou um slogan de luta contra a violência contra as comunidades negras pelo mundo. Naquele ano, outros protestos foram lançados em rede com o intuito de desmontar as práticas ciberracistas como o movimento *#blacklivesmatter*, objetivando a promoção de um momento de reflexão contra o racismo e as mortes de pessoas negras dentro e fora dos Estados Unidos.

Ele se constituiu como um importante movimento ciberantirracista que utilizava as redes sociais e plataformas de streaming para denunciar o racismo estrutural. Sua origem parte da iniciativa que buscou mobilizar as pessoas a postarem uma foto preta em seu Instagram, Twitter ou Facebook. Nesse sentido, tentavam fazer uma pausa para refletir e sentir o impacto do racismo nas trajetórias negras e o respeito e solidariedade às vidas negras perdidas na contemporaneidade. Registrei naquele momento cerca de 28 milhões de pessoas que aderiram pelo mundo inteiro, promovendo um blecaute nas redes sociais para que as pessoas naquele momento conseguissem captar a necessidade de se promover um debate mais amplo sobre o assunto.

O debate buscou chamar à atenção para o genocídio das comunidades negras, demarcando os protestos com o seguinte lema “Vidas Negras Importam”, que atraíram milhões de manifestantes em todo o mundo. Inclusive ganhou bastante destaques nas redes sociais, mobilizando seus pares a lutar pelo respeito à diferença, ou seja, iniciava um engajamento contra o racismo nas redes de forma mais intensa, problematizando os mecanismos existentes que determinam quem pode viver e quem tem direito à vida. E dentro deste contexto, é que em 2021, o

‘Dia Internacional para a Eliminação da Discriminação Racial’ intitulou a seguinte temática *Juventude se levantando contra o racismo* que vem sacudindo as redes sociais ao problematizar as várias faces do racismo. Assim, o Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas, Gutteres, ressaltou que eliminar o racismo é “um desafio e uma luta para todos”.

Destarte, nos últimos anos, diferentes representantes e organizações vêm se esforçando para criar políticas de enfrentamento e combate ao racismo tanto fora como dentro da cibercultura, esforços que se apresentam como instrumentos significativos, porém ainda insuficientes para acabar com mais de seis séculos de opressão, exclusão e aniquilação.

“SEM CELULAR, NOTEBOOK E INTERNET”: AS COMUNIDADES NEGRAS FORA DA CIBERCULTURA NO CONTEXTO DE PANDEMIA

A pandemia do Covid-19 evidenciou um Apartheid digital no que se refere às comunidades negras em contextos de vulnerabilidade social, ocasionando um problema operacional que não tomou em consideração aqueles que se encontravam fora da cibercultura.

As políticas estatais reforçaram os mecanismos de exclusão das comunidades negras no presente, em virtude de que muitas são excluídas das estratégias de proteção devido a detalhes, como o fato de muitos programas exigirem que os beneficiários se cadastrem através da Internet em plataformas a que muitos não têm acesso muitas famílias não têm acesso. Além do que essas medidas são insuficientes para dar conta dos diferentes contextos dos segmentos mais carentes da sociedade que tendem a ser reforçados pela cor, ou seja, as comunidades negras, inevitavelmente esquecidas, tornam-se os maiores alvos de letalidade deste processo.

Em diferentes realidades sociais pelo mundo, há muitas áreas da região que não tem o sinal de internet e possui dificuldades para sua implementação.

Existem países no continente africano onde grandes agências como o Google testaram projetos milionários como o envio de sinais por balões de ar quente, mas são iniciativas ainda muito complexas e de alto custo para se replicar em escala (BARRIA,2020).

No dia 07 de abril de 2020, a capa do diário chileno La Segunda, trazia a foto de uma mulher negra com seus filhos nos braços, como uma representação dos que poderiam ser vistos na sociedade chilena como os principais suspeitos de adquirem o coronavírus. Essa imagem repercutiu no facebook e no Instagram, onde diferentes ativistas se colocaram em posição de crítica da construção de um estereótipo racista que estigmatizava as pessoas negras. O movimento discutiu sobre a intencionalidade da exposição de pessoas pela mídia e sobre o desrespeito com os corpos negros.

Foto 01- estigmatização de uma mulher negra com seu filho



Fonte: La Segunda (2020)

Acompanhando esse movimento, de forma mais intensa no Chile, foi em 30 de abril de 2020 que pude registrar as informações que circulavam no jornal Online *Brasil de Fato- uma visão popular do Brasil e do Mundo*, que trazia a seguinte frase “Pandemia produz aumento dos casos de racismo contra imigrantes negros no Chile” e destacava o começo de uma perseguição aos imigrantes negros oriundos de diferentes países, especialmente haitianos, colombianos e venezuelanos. O mega empresário neoliberal Sebastián Piñera, liderança local, se inspirava para efetivar essas iniciativas, nos modelos políticos migratórios xenófobos e racistas de países como Estados Unidos de Donald Trump e o Brasil de Jair Bolsonaro (FARINELLI, 2020, p.1).

O referido jornal Online narrou um episódio em que uma comunidade de cerca de 30 cidadãos haitianos que viviam em um condomínio no município de Quilicura, na Região Metropolitana de Santiago, foram denunciados pelos seus próprios vizinhos como suspeitos de ter covid-19, o que acarretou forte violência por parte da polícia ao despejar todos de suas residências, incluindo crianças e pessoas idosas. A situação viralizou pelas redes sociais, facebook e Instagram e pela imprensa local. Naquele momento, muitos se aproveitavam para falar de como o racismo os atravessava e os aniquilava e como em tempos de pandemia se reforçou a abordagem que alimentou o estigma aos imigrantes como vetores de contágio do novo coronavírus (FARINELLI, 2020, p.1).

Naquele contexto, pude acompanhar o posicionamento no Facebook e no Instagram do ativista Carl Abilhomme, porta-voz da comunidade haitiana em Santiago, que destacou em rede como o racismo afetava os imigrantes e como o mau funcionamento do sistema de saúde chileno os afetava, sendo ainda mais agressivo com as pessoas negras estrangeiras. Lançou-se a seguinte frase em diferentes meios de comunicação “[A atenção médica aos haitianos] é 10 vezes pior que a atenção que dão à população pobre chilena. Se o chileno pobre é maltratado no hospital, pensa o que acontece com um negrinho discriminado” (FARINELLI, 2020, p.1).

Já no Brasil, no dia 03 de maio de 2020, na cidade de Salvador-BA, Rafaela de 25 anos, sem máscara, na porta da agencia bancária da Caixa econômica Federal de uma das principais avenidas da capital, com sua filha nos braços, reclamava de não ter acesso ao benefício social que lhe era de direito e que já tinha procurado várias instancias sem sucesso para se cadastrar por não ter nem endereço fixo e nem internet. Em seu discurso, Rafaela trazia alguns empecilhos para efetivação de seu cadastro: primeiro, a preocupação de não ter uma residência fixa; segundo, a noção de não ter internet que significava não ter um aparelho para acessar e sua dificuldade em utilizar esses equipamentos.

Naquele momento, fiquei pensando sobre os dois episódios, tanto no Chile quanto no Brasil que retratam como o racismo e o ciberracismo se operacionaliza no cotidiano das pessoas negras, negando direito à vida e à participação na vida digital.

Outro momento interessante se deu em 23 de agosto de 2020, estampado na página principal do jornal on line El Pais a seguinte frase “O negro está isolado há muito tempo. A pandemia só aprofundou isso”, essas palavras foram tecidas pelo Fotógrafo Roger Silva, que ganhou o primeiro lugar na microbolsa EL PAÍS em parceria com a editora de livros de fotografia Artisan Raw Books Artisan, apoiada pelo Favela em Pauta, que fazia a convocatória destinada a fotógrafos independentes com ensaios que retratassem a vida cotidiana da periferia durante a pandemia do novo coronavírus (MAGRI, 2020).

Assim, Roger, morador atual de Maceió, manifestou seu posicionamento político no ensaio de autorretratos inspirado na morte de uma empregada doméstica negra por covid-19, a primeira registrada no Rio de Janeiro, ainda no início da pandemia, que foi infectada pela patroa depois de uma viagem à Europa. Destacou com as seguintes palavras “Minha mãe também é empregada e fiquei com esse medo” (MAGRI, 2020, p.1), chamando atenção para as angústias da população negra periférica em tempos de isolamento social.

Como salientou Kilomba a tecnologia tem se adaptado também para garantir a difusão do racismo e, ao mesmo tempo, estabelecer o silenciamento como se pode ver no uso forçado da máscara no período colonial que funcionava como uma materialidade e que tirou o direito da fala ao ser incorporada também nas relações sociais como um instrumento silenciador que deixava marcas no seu uso. Ao institucionalizar os mecanismos de tortura, nos ajuda a refletir sobre o racismo como produtor de um trauma que produz uma ferida exposta no corpo de quem usa, ao se constituir um símbolo do colonialismo que sustentou as políticas perversas de dominação e conquista (KILOMBA 2019; FANON, 2008).

Foto 2 :Mosaico sobre as percepções do negro na pandemia- O medo em Foco



Foto: Roger Silva (2020).

“Para não perder o pouco que temos, precisamos sair de casa, porque ninguém dá outra alternativa. Às vezes a gente tá com um sorriso no rosto, mas destruído por dentro. O Banzo é sobre isso” (EL PAÍS, 2020, p.1).

Os processos educacionais na pandemia são outro ponto importante nas experiências tecidas na cibercultura, ao evidenciar as múltiplas dimensões de poder que encontram-se atreladas aos resquícios de velhas práticas coloniais. Os números atuais divulgados desde maio de 2020 pelo mundo chama à atenção para o aumento das desigualdades raciais, no que tange ao direito à vida que está interligado ao acesso a moradia, educação, saúde, alimentação, segurança e trabalho.

Desta maneira, as exclusões sobre as comunidades negras se potencializaram desde o advento da pandemia, com a impossibilidade de acesso aparelho tecnológico, acesso à internet como aspectos importantes para a continuidade dessa vida, que se entrelaça com as dificuldades de se alimentar, a falta de estrutura residencial, o exercício de trabalhos exorbitantes nas ruas, a violência que sofrem em seus lares e que desenham os contornos do contexto pandêmico, ou seja, os problemas do passado soma-se com as dificuldades apresentadas no presente, produzindo o aumento das desigualdades sociais e raciais.

Portanto, algumas perguntas tornaram -se corriqueiras: quem tem direito a permanecer no isolamento dentro dos espaços de moradia? Como se configura o acesso a tecnologia e a internet no país dentro destas configurações? Com isso, tornou-se fundamental compreender o debate acerca das questões educacionais, das relações raciais e das tecnologias em tempo de pandemia do covid-19, observando as diferentes formas em que estas temáticas foram problematizadas nos diferentes contextos sociais.

O primeiro ponto é o fato de estarem mais vulneráveis à contaminação, em virtude de vários fatores: o desemprego, a informalidade, sem direito de terem um saneamento básico e vivendo em condições de adensamento urbano em favelas e periferias.

No dia 28 de abril de 2020 o jornal online Uol do Rio de Janeiro trazia a seguinte manchete “Sem internet, estudantes de favelas não conseguem se preparar para o Enem”, apresentando a dificuldade de diferentes discentes negros.

Um dos adolescentes que aparece em evidência na matéria é o Luiz Menezes, 19 anos, destacando que há meses não tem acesso a internet, porém com todas as dificuldades ainda consegue de forma precária se conectar ao wi-fi da Associação de Moradores da Nova Holanda na favela do Complexo da Maré, ressaltando que:

Às vezes, a internet da associação de moradores falha e perco a continuidade das leituras. Às vezes, a velocidade não é suficiente para assistir a uma videoaula. Sigo estudando por materiais aleatórios, mas com dificuldades. Tenho tentado não parar, mas às vezes bate a desmotivação. Não ter internet nesse momento em que não podemos sair de casa é um obstáculo enorme” (SABOIÁ, 2020, p.1).

O seu posicionamento enuncia as dificuldades impostas pela pandemia e o impacto do apartheid digital que se acentuou nas trajetórias negras desde o início da quarentena, quando as aulas presenciais foram suspensas em todo território brasileiro. Quando não se consegue ter acesso, o processo torna-se ainda mais desigual, ou seja, as palavras de Luiz resumem este momento: “Nós, que moramos em favelas, já saímos atrás nessa corrida. Não sei como vai ser” (SABOIÁ, 2020, p.1).

Outra situação destacada foi a do Pablo Henrique Saldanha, estudante e morador de Caxias cuja seção foi intitulada - *Solidariedade: arma contra desigualdade*, para falar das estratégias adotadas com seus colegas de turma que durante a quarentena criaram um grupo no WhatsApp para debater as disciplinas e tirar as dúvidas entre si. Os que não tinham internet em casa se deslocavam até a porta da casa de um colega que tinha wi-fi e acessavam a rede baixando o conteúdo daquele dia e ainda tentavam respeitar os protocolos de distanciamento social. Um dos seus colegas que pretende cursar Jornalismo Pedro Vinícius Gomes, 26, tenta ingressar no ensino superior pela terceira vez.

Em decorrência da pandemia teve a necessidade de assumir as finanças da família para colocar comida dentro de casa, frustrando os planos traçados. Exerce o ofício de pedreiro e jardineiro na favela do Centenário em Duque de Caxias. No tempo que sobra, ele procura sinal de internet para ter acesso aos materiais disponibilizados pelos amigos ((SABOIÁ, 2020, p.1). Pedro interroga com a seguinte indagação:

“Pobre sem formação consegue fazer home office, por acaso? Saio para ‘ganhar o pão’, tomando os cuidados de prevenção. Quando não estou trabalhando, peço a senha do wi-fi dos amigos, perturbo o pessoal no grupo WhatsApp do curso [pré-vestibular] e estudo [...] “É diferente das aulas presenciais, perde-se em interação, muitas vezes não conseguimos tirar dúvidas. Estudar sem internet é como viver na favela: a gente vai se virando, dando um jeito, batalhando” [...]”O jovem periférico não sai do ensino médio e pode ir direto para o ensino superior. Nem sempre o ensino médio desse jovem é aproveitado plenamente. Às vezes, ele até quer seguir estudando, mas precisa colocar comida na mesa, como foi o meu caso. A falta de internet nesse momento de necessidade acadêmica também mostra o processo de dificuldades de acesso à informação do favelado. E, como li dia desses: ‘informação é remédio contra a pandemia’ (SABOIÁ, 2020, p.1).

Suas falas demonstram a continuidade dos problemas estruturais dentro das realidades em que as comunidades negras residem, ausência de isolamento para manter a sua sobrevivência e os reflexos da falta de acesso à internet, expondo as dificuldades que foram submetidos em suas trajetórias de vida.

Os professores mudaram suas táticas de intervenções e muitos adotaram estratégias para fazer com que seus discentes garantissem o direito à vida. Assim, várias campanhas foram lançadas pelas redes sociais, com a finalidade de criar uma corrente de solidariedade. Sem negar o esforço para garantir que os jovens de favelas e regiões pouco assistidas cheguem ao ensino superior, que vão além do dever de transmitir conhecimento acadêmico. Como destacou o professor Wesley Teixeira,

Nesse momento, a nossa preocupação é a de arrecadar alimentos e levar para esses alunos. Ninguém estuda faminto e muitas dessas famílias têm sobrevivido em situações precárias. Estudar em casa está longe de ser fácil. Vários dos alunos moram com famílias inteiras em casas de

cômodo. Como ler um livro nessas condições, se não há nem uma mesa adequada, se não há luz elétrica? (SABOIÁ, 2020, p.1).

Enfim, a pandemia só acentuou o funcionamento do ciberracismo nas vidas das pessoas, evidenciando os problemas existentes ao alertar para a necessidade de proporcionar a democratização do acesso aos aparelhos tecnológicos e a internet.

PARA NÃO CONCLUIR

Ao tentar fazer as leituras das realidades contemporâneas a partir das experiências no universo da cibercultura atrelado a formação do fenômeno do ciberracismo dentro e fora do mundo digital, foi possível observar a velocidade que o seu uso ganha centralidade nas interações estabelecidas no contexto de pandemia. Por outro lado, esse fenômeno também provocou a desintegração das comunidades negras ao direito de ter acesso à: educação, saúde, trabalho, lazer, a um auxílio que se somasse com as suas rendas e garantisse a dignidade em suas trajetórias de vida.

É possível afirmar que as questões raciais são um ponto fundamental quando se pensa na concretização de políticas de equidade que contribuam para as trajetórias das comunidades negras em diferentes contextos globais e locais. Como ficou evidenciado elas são mais vulneráveis à contaminação e também se apresentam como o grupo que tem a maior dificuldade de acesso aos cuidados de saúde, de qualidade de vida, pontos necessários para lidar com a COVID-19 e o apartheid digital.

A disseminação de conteúdo racista em vários meios de comunicação dentro e fora do ciberespaço, pode agora ocorrer através de uma ampla variedade de mídias, através de muitos concorrentes e jurisdições contraditórias, a públicos extremamente diferentes, ativados de forma individual ou engajados, que criam as potencialidades e os perigos difundidos no universo virtual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FANON, Frantz. 2008. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: Editora EDUFBA.

GEERTZ, C. 1978. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar.

GOMES, Nilma Lino. 2003. Educação, identidade negra e formação de professores/as. **Revista Educação e Pesquisa**, v. 29, n. 1, 2003.

INGOLD, Tim. 2008. **Anthropology is Not Ethnography. Proceedings of the British Academy**.

_____. 2019. **Antropologia: Para que serve?** Petrópolis: Vozes.

KILOMBA, Grada. 2019 – **Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano**. 1ed. - Rio de Janeiro: Cobogó.

_____. 2016. **Descolonizando o conhecimento: uma palestra-performance de Grada Kilomba**. Tradução: Jessica Oliveira. Disponível em: <http://www.goethe.de/mmo/priv/15259710-STANDARD.pdf>. Acessado em: 03 de mai. de 2021.

JORNAIS

FARINELLI, Victor. 2020. **Pandemia produz aumento dos casos de racismo contra imigrantes negros no Chile**. Jornal Brasil de Fato- uma visão popular do Brasil e do Mundo. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/30/pandemia-produz-aumento-dos-casos-de-racismo-contr-imigrantes-negros-no-chile> .Acesso em 30 de abr. de 2020.

La Segunda. 2020. **Se estabilizan Contagion y se relajarán cuarentenas**. Disponível em: 2020-04-07 | Homepage | Diario La Segunda Acesso em 30 de abr. de 2020.

MAGRI, Diogo. 2020. **“O negro está isolado há muito tempo. A pandemia só aprofundou isso”, diz vencedor de concurso**. Jornal EL PAÍS. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/> .Acesso em :03 de mai. De 2021.

SABÓIA, Gabriel.2020 **Sem internet, estudantes de favelas não conseguem se preparar para o Enem.** Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2020/04/28/sem-internet-estudantes-de-favelas-sofrem-com-preparacao-online-para-enem.htm>Acesso em 28 de abr.de 2020.

SILVA, Roger.2020. **O coronavírus na periferia pelo olhar dos vencedores do concurso de fotografia EL PAÍS e Artisan.** Disponível em:https://brasil.elpais.com/brasil/2020/08/23/album/1598210038_400335.html#foto_gal_1 Acesso em: 05 de jun.de 2020.

LATOUR, B.2018. **Investigação sobre os modos de existência:** Uma antropologia dos modernos. Petrópolis: Vozes.

_____.2019. **Jamais fomos modernos:** Ensaio de antropologia simétrica. Petrópolis:Vozes.

LEMOS, André. 2008. **Cibercultura.** São Paulo: Editora Sulina.

_____. 2004.Cibercultura, cultura e identidade: m direção a uma “Cultura Copyleft”. Contemporanea: **Revista de Comunicação e Cultura**, Salvador, v. 2, n. 2, p.9-22, dez.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1984.**Argonautas do Pacífico Ocidental.** São Paulo :Editora Abril.

MBEMBE, Achille. 2014. **Crítica da Razão Negra.** Lisboa: Editora Antígona.

_____. 2018 **Necropolítica.** 3. ed. São Paulo: n-1 edições.

OLIVEIRA, R. C. de. 1996. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia.**

ONU.2013. **Década Internacional de Afrodescendentes 2015-2024.** Disponível em Década Internacional de Afrodescendentes 2015-2024 (decada-afro-onu.org) Acesso em: 03 de mai.de 2021

CAPÍTULO 4

GERAÇÃO TOMBAMENTO: CONSTRUINDO IMAGEM POSITIVAS DE CORPOS-NEGROS

Adriele Regine dos Santos Almeida

INTRODUÇÃO

Ao representar o corpo como base para o desenho deste estudo, busca-se compreender as relações (social, cultural, política, espiritual) do sujeito com a sociedade na qual está integrado. Como pontua Bollon (1993) em *A moral da máscara*, “sempre existiram indivíduos [...] que se expressaram e se afirmaram através do estilo”. . Provocando a existência desses grupos que querem se diferenciar ou para ir de encontro a princípios definidos por essa cultura ou, simplesmente, por não se reconhecer dentro do padrão imposto. Percebe-se na história da humanidade, a busca pela originalidade, diferenciação ou hierarquização através dos adornos, indumentárias, gestualidades, havendo, em alguns momentos, intensos conflitos sociais já que a aparência, muitas vezes, propõe um rompimento com regra vigente naquele espaço. Grupos como Geração Tombamento, Zoot-suits, Panteras Negras, entre outros se diferenciam dentro das comunidades, reconstroem e solidificam sua identidade estética, ressignificando o seu espaço, o corpo e o grupo. Esse “suporte” (o corpo) funciona como projetor para as representações dessa contracultura⁵ que se impõe através da guerra simbólica, utilizando o vestuário e as modificações corporais para a sua afirmação diante da sociedade dominante.

Compostos por afrodescendentes, a Geração Tombamento é caracterizada, como contracultura, quebrando padrões impostos e incomodando com suas cores, questionamentos, estampas, cabelos. Padrões negados, rebaixados e esquecidos dentro da história pelo colonizador, que são fundamentais na reconstrução da identidade do descolonizado⁶ ou por uma educação descolonizada. Para a compreensão da mentalidade de um determinado grupo e/ou sociedade num período delimitado, a moda de rua⁷ funciona como termômetro, ajudando a entender o processo destas mudanças recorrentes na estética do sujeito. Além da roupa, ainda há as relações com o cabelo, com a gestualidade, músicas, discursos, espaços de ocupação, que compõem a imagem desses indivíduos e de suas identidades.

O corpo é um dos principais suportes para a luta e resistência dos sujeitos diaspóricos⁸ ao se projetarem no mundo, impondo os seus desejos ou reproduzindo modelos sociais, comunicando a construção da identidade dos indivíduos e/ou grupos que participam. ao estabelecer essa estética partindo de suas próprias experiências, esses sujeitos apropriam-se desse poder (social, étnico, espiritual, ancestral, empresarial), reconhecendo-se no espaço e legitimando as suas raízes. Temos, portanto, como objetivo investigar os modos através dos quais a Geração Tombamento (re)constrói e legitima sua identidade estética e sociopolítica, ressignificando o seu espaço, grupo e a sociedade, com vistas a tensionar as relações entre corpo, identidade e estética dos indivíduos, criando imagens positivas de seus corpos-pensantes.

APORTES METODOLÓGICOS

Para construir metodologicamente esta trajetória, considerei o levantamento de dados bibliográficos, investigando trabalhos de autores em campos diversos (história, sociologia, antropologia e moda) a fim de promover um conhecimento amplo do tema pesquisado, possibilitando assim, um contato maior com as fontes que tratam do assunto analisado.

Além da pesquisa de campo que afirmou a existência do grupo pesquisado através de uma observação direta intensiva, foram desenvolvidas entrevistas não estruturadas, onde coletamos os dados pertinentes, analisando o conteúdo, assim como a história de vida e a sua relação com o grupo proposto. Do mesmo modo, utilizamos entrevistas já desenvolvidas por outras pessoas, como a série documental *Afronta!*, que foi produzida pela Preta Portê Filmes, em coprodução com o Canal Futura, escrita e dirigida pela cineasta Juliana Vicente⁹, e lançada em 2017 no canal da TV Preta, composto por 26 episódios, de 15 minutos cada.

8 Diaspóricos refere-se a povos que foram dispersos por motivos políticos, étnico, religiosos ou perseguição; nesta dissertação tratamos dos povos africanos escravizados pelos europeus e trazidos as Américas para a construção do Novo Mundo.

9 Juliana Vicente é cineasta e fundadora da Preta Portê Filmes, produtora de cinema e conteúdo audiovisual para TV e outras mídias (*AFRONTA!*, 2017-2018).

O programa apresenta:

[...] artistas e pensadores negros contemporâneos a partir de experiências e relatos pessoais, que discutem representatividade, pertencimento, empreendedorismo, ancestralidade e afrofuturismo; reflexões que contribuem para a compreensão de como os negros brasileiros estão criando uma rede e gerando autonomia para alterar a realidade hoje e inventar o amanhã (AFRONTA!, 2017-2018).

Trazer a Geração Tombamento para a academia possibilita estabelecer representatividade e ocupação dos espaços pelas juventudes negras; esse é o principal objetivo ao construir essa temática e identificar pessoas que tragam a força e energia de uma juventude que se responsabiliza pelas suas falas e posicionamentos. Não haveria nenhuma outra forma de falarmos sobre esta geração sem trazer para o texto seus próprios ‘textões’, suas preferências, suas discussões de gênero, identidade, ancestralidade e negritude.

Elencando como termos centrais: corpo, estética, identidade, cultura, moda, comportamento, etnicidade, negritude e empoderamento, nos possibilitou fazer o levantamento teórico necessário para a validação da construção e traçar, historicamente, a relação destes sujeitos com o corpo e a construção identitária através da estética. Como proposto por Bauer e Aarts (2002, p. 54) “um corpus tópico é planejado para um fim estritamente definido de pesquisa; ele pode tornar-se um recurso geral de investigação para análise secundária”.

Nos interessa tratar não só do discurso, mas como esse corpo atravessa diversos ambientes, pontuando não só as trajetórias dos sujeitos, mas entendendo como sua história intensifica as modificações em uma geração, aprendendo como um sujeito em construção se torna representação para um grupo social específico e influencia com seu corpo e discursos uma tomada de atitude.

COMUNIDADE ARGUMENTATIVA

A existência de movimentos, grupos e/ou coletivos, que atravessam a História e reafirmam a necessidade de existir, reexistir e resistir da população negra nas suas sociedades traz elementos importantes para justificar essa pesquisa.

A Geração Tombamento se destaca na sociedade brasileira, construindo (diariamente) uma estética corporal e posicionamentos políticos que questionam e comprometem a dominação da cultura imposta, buscando enfraquecer o racismo estrutural e valorizando a cultura negra no atlântico e/ou na diáspora.

Ao subjugar as demais nações e sua cultura, o colonizador europeu passa a excluir toda e qualquer formação histórica, social e política que não parta de suas próprias construções e descobertas, considerando suas características (corporais, musicais, intelectuais, artísticas, gestuais, medicinais) primitivas e inferiores, apagando-as da História Mundial e valorizando a hegemonia europeia com a escravização e colonização de povos negros. Impõe os seus costumes e rebaixa outras culturas e grupos étnicos, gerando nos povos diaspóricos, uma resistência em aceitar suas características inatas (cabelo, pele, formato do corpo, espiritualidade), fazendo com que os mesmos se mutilassem – na tentativa de incorporar padrões caucasianos –, durante séculos para serem aceitos dentro da sociedade que os renega.

Ao deixar a invisibilidade social ou “desembraquecer”, os povos negros compreendem os seus espaços negados na história da humanidade e passam a lutar por ele, rompendo com o pensamento colonizador e a sua hegemonia, assumindo as suas características físicas e valorizando uma cultura étnico-racial silenciada e negada. Em todo o mundo e ao longo da história os povos negros diaspóricos, participaram de grupos (sejam étnicos ou sociais) como bases para o fortalecimento da sua identidade e sobrevivência. Tomemos como exemplo os Quilombolas, Irmandades, Zoot-suits, Sapeurs, Panteras Negras, Geração Tombamento, Fashion Rebels South África, que trazem em sua fundamentação a luta por existir e serem valorizados numa sociedade que nunca acreditou nas suas construções culturais como ponteiro fundamental ao contar a história das humanidades, ainda que estes se estabeleçam de qualquer forma.

A construção dos corpos é um processo cultural que ocorre de acordo com as experiências e experimentações desses indivíduos em sua relação com o

contexto em que está inserido. Tais elementos representam também, o caráter cultural de uma sociedade ou grupo, sendo assim, a forma mais importante de simbologia encontrada na humanidade é, justamente, a construção imagética deste corpo, tendo a “aparência corporal como construção social e enquanto espaço de criação individual” (Cidreira, 2005).

A construção da cultura depende do ambiente, do período, dos desejos, dos valores, das percepções de cada sociedade, estabelecendo símbolos e regras dentro do grupo sem que seja, necessariamente, explicitado e definido, muitos costumes são passados de geração a geração sem que haja uma determinação do início da “tradição”. Sodré (2005) afirma que, cultura designa o modo de relacionamento com o real, com a possibilidade de esvaziar paradigmas de estabilidade do sentido, de abolir a universalização das verdades, de indeterminar, insinuando novas regras para o jogo humano.

O jeito de se vestir e a aparência são importantes atitudes e comportamentos influenciados pela cultura conforme Barnard (apud Engel, 1995). Essa compreensão permite que haja o entendimento de como a moda junto com as experiências individuais e coletivas possibilitam a construção de um discurso, apropriando-se do corpo e unindo outros objetos para que assim se estabeleça uma mensagem.

A construção da aparência ou imagem dos indivíduos se dá a partir de como o outro poderá interpretar esses signos; a construção desse discurso depende, principalmente do que se quer comunicar. Essas “normas do grupo” através do vestuário como proposto por Sorcinelli (2008), deixa claro que se trata de uma construção coletiva de identidade – e também individuais – desses sujeitos:

[...] corpos e roupas significam e comunicam, em dados contextos, poderes e saberes de sedução, de tentação, de provocação e de intimidação – além, disso, passam pelo crivo da adequação/inadequação na maneira de serem estabelecidas suas respectivas presenças (CASTILHO e MARTINS, 2005, p. 54)

Os diversos papéis que o indivíduo precisa construir, codificar, representar

e exercer no meio social podem, algumas vezes, podar aquilo que acredita ser a sua “identidade possível”, ou seja, a que se acomoda em algum momento, deixando ruir essa subjetividade individual. Ainda assim, ele busca se distanciar, ou melhor, se diferenciar dos demais utilizando pequenos signos que o identifique. Outros sujeitos performatizam sua identidade de modo a que não haja uma rejeição social.

A Geração Tombamento passa a ser singular quando, ao misturar certos elementos, se distingue dos demais, provocando, muitas vezes, repulsas, preconceitos, descrenças, insultos, enfim, uma infinidade de reprovações por não se basearem numa norma, numa regra social. Ainda mais, por viverem em uma sociedade historicamente racista, esses sujeitos buscam uma interação com a roupa, objetos, gestualidades, músicas, narrativas, transformando a relação em luta e militância de um povo renegado ao longo da construção dessa cultura vigente.

É preciso entender que as civilizações construídas no Atlântico Negro têm suas particularidades como mencionado por Hall (2003),

Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas. Aqueles aos quais originalmente a terra pertencia, em geral, pereceram há muito tempo — dizimados pelo trabalho pesado e a doença. A terra não pode ser “sagrada”, pois foi “violada” — não vazia, mas esvaziada. Todos que estão aqui pertenciam originalmente a outro lugar. Longe de constituir uma continuidade com os nossos passados, nossa relação com essa história está marcada pelas rupturas mais aterradoras, violentas e abruptas. Em vez de um pacto de associação civil lentamente desenvolvido, tão central ao discurso liberal da modernidade ocidental, nossa “associação civil” foi inaugurada por um ato de vontade imperial [...] A via para a nossa modernidade está marcada pela conquista, expropriação, genocídio, escravidão, pelo sistema de engenho e pela longa tutela da dependência ‘colonial.

Ainda que hoje se reconheça o valor dos africanos, as lacunas produzidas pelo colonizador no desenvolvimento da História das humanidades foi um fator decisivo (e cruel) no não reconhecimento e estima dos afrodescendentes por eles mesmos. O cabelo crespo, o nariz achatado, o tom da pele, a dança, a religiosidade eram características menosprezadas por séculos, incutindo na identi-

dade dos povos negros que a beleza verdadeira estava atrelada ao colonizador (a pele clara, o cabelo liso, o nariz afilado).

Ao trazermos a “Geração Tombamento” – com seus cabelos crespos, coloridos, batons em tons não convencionais e os ‘textões’, defendemos a possibilidade de poder existir. Resignificar este corpo, dando o direito de comunicar-se, permitindo a busca pela sua raiz negada e apagada, valorizando a sua estrutura física e beleza, imprimindo uma identidade própria, reconstruída, dentro desse processo contínuo de descolonização e, principalmente projetando imagens positivadas destes corpos.

Lorde (1977), no seu texto “A transformação do silêncio em linguagem e em ação” diz que,

O fato de estarmos aqui e que eu esteja dizendo essas palavras, já é uma tentativa de quebrar o silêncio e estender uma ponte sobre nossas diferenças, porque não são as diferenças que nos imobilizam, mas o silêncio. E restam tantos silêncios para romper!

Isso se confirma quando, ao trazer a temática proposta me deparo com materiais tão incipientes para uma demanda tão urgente e necessária. Acredito que a necessidade de materializarmos, explorarmos, descobrirmos e defendermos nossas próprias histórias seja o marco teórico desbravador de toda essa pesquisa. Fato que também é pontuado por Sousa (1983), que “uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade”.

CONSTRUINDO IMAGENS POSITIVAS

Há uma máscara da qual eu ouvi falar muitas vezes durante minha infância. Os vários relatos e descrições minuciosas pareciam me advertir que aqueles não eram meramente fatos do passado, mas memórias vivas enterradas em nossa psique, prontas para serem contadas. Hoje quero re-contá-las. Quero falar sobre a máscara do silenciamento.

Tal máscara foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de trezentos anos. Ela era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito Negro, instalado entre a língua e a mandíbula e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa. Oficialmente, a máscara era usada pelos senhores brancos para evitar que africanos/as escravizados/as comessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar tanto de mudez quanto de tortura.

Neste sentido, a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento dos(as) chamados(as) 'Outros(as)': Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar? (KILOMBA, 2010, P.1-2)

A possibilidade de falar sobre nós, sobre conquistas, caminhos, escolhas, fez com que pudéssemos reexistir. Acreditar que esse seja mais alguns passos na busca por nossas autonomias. A construção dessas narrativas, tão caras para nós, estabelecem os nossos “letramentos de reexistência”, reinventando “práticas que os ativistas realizam, reportando-se às matrizes e aos rastros de uma história ainda pouco contada, nos quais os usos da linguagem comportam uma história de disputa pela educação escolarizada ou não” (SOUZA, 2009, p. 32). E por um poder político, social, econômico, científico e cultural.

Em uma cultura de dominação e antiintimidade, devemos lutar diariamente por permanecer em contato com nós mesmos e com os nossos corpos, uns com os outros. Especialmente as mulheres negras e os homens negros, já que são nossos corpos os que frequentemente são desmerecidos, menosprezados, humilhados e mutilados em uma ideologia que aliena. Celebrando os nossos corpos, participamos de uma luta libertadora que libera a mente e o coração. (HOOKS, 2005)

Com todas as avenidas identitárias impostas pelo racismo, cisheteropatriarcado e capitalismo, os territórios de afeto constituem o lugar de libertação e fortalecimento destes corpos, ainda que estejam seguros somente naquele espaço. Pois, ao sair, o genocídio da população negra é estabelecido como estado permanente de alerta para esses corpos-pensantes-afrodiaspóricos. A ponto de,

em 2017, se estabelecer, entre os jovens, as “regras do rolê” em que a primeira delas é ‘não morrer’ e a segunda ‘não ser preso’. Ainda que tenha surgindo em tom de “brincadeira” isso diz muito sobre como vivemos. Estamos falando de corpos negros que o Estado insiste em confundir carros¹⁰, furadeiras¹¹ e guarda-chuvas¹².

A Geração Tombamento vem ressignificar, renovar e escrever novas narrativas. Até mesmo a terminologia do Tombamento reestabelece uma nova forma dos corpos negros estarem no mundo, antes caíam, hoje derrubam. Derrubam o oponente, derrubam os preconceitos, derrubam os mercados excludentes, derrubam os privilégios; como propõem Karol Conká no hit Tombei, 2014, *“Causando um tombamento (oh) / Também tô carregada de argumento (oh) / Seu discurso não convence, só lamento (oh) / Segura a onda, senão ficará ao relento (oh, oh, oh) / Depois que o alarme tocar não adianta fugir / Vai ter que se misturar ou se bater de frente, periga cair”*.

Expõem sem medo seus textões com todos os atravessamentos, nas redes sociais e/ou em blogs pessoais que trazem não só experiências pessoais de enfrentamento, angústias, dores, descobertas, alegrias e problematizam mínimas coisas que foram construídas para minar nossas confianças e manter o padrão eurocêntrico e cisheteropatriarcado intacto. Assim, eles/as constroem diálogos com outros iguais, verbalizam coisas que, no acumulado, se tornam silenciamentos, justificados através do “eu tenho até amigos negros”, “racismos reversos”, “negros raivosos”, “mimimi”, “vocês são muito exagerados”, “nossa, você é tão exótica”, “mas isso é um elogio”, “negro de alma branca” e toda a raiva instaurada por “minha opinião”.

10 G1 – Rio de Janeiro: “Delegado diz que ‘tudo indica’ que Exército fuzilou carro de família por engano no Rio” em 8 de abril de 2019. Disponível em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/08/delegado-diz-que-tudo-indica-que-exercito-fuzilou-carro-de-familia-por-engano-no-rio.ghtml>

11 G1 – Brasil: “Homem é morto ao ter furadeira confundida com arma” em 19 de maio de 2010. Disponível em <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/05/homem-e-morto-ao-ter-furadeira-confundida-com-arma.html>

12 Estadão: “Garçom é morto por PMs que teriam confundido guarda-chuva com arma” em 18 de setembro de 2018. Disponível em <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,garcom-e-morto-por-policiais-que-teriam-confundido-guarda-chuva-com-arma,70002507618>

Pensar no quanto um corpo negro, somente por ele existir, é político, possibilitou que o diálogo travado até aqui nos projetasse a uma análise que ultrapassa a Geração Tombamento. Corresponde a pensar neste corpo através dos posicionamentos sociais e de como este elemento é visto nos espaços e principalmente nos espaços de poder. Por que há tantos ataques a intelectuais negras/os? Ou, até mesmo aos influenciadores/ras digitais?

A construção de imagens positivas voltadas para a juventude negra, com toda a certeza não veio dos grandes canais de comunicação do país. Não foram produzidas pelas novelas, nem pelas revistas de alta circulação. Mas, foram impulsionadas pelo acesso à internet e na busca de imagens representativas por estes sujeitos “na gringa”, imagens que falassem sobre esses jovens e para esses jovens. Destaco aqui o Festival AfroPunk¹³ e as construções afrofuturistas. O que mais chama atenção no evento, não são as atrações, mas o público que circula nele, os corpos-negros de diversos lugares e as construções estéticas escolhidas para participar daqueles espaços. E não é só pelo laque ou pelo click, mas a possibilidade de construir-se através do corpo, das projeções, das vivências, dos atravessamentos todos e recontar as tantas histórias dos nossos povos.

Um documentário produzido por quem não se sentia representado em espaços e padrões eurocêntricos se tornou o maior evento de representatividade negra, assim como o maior canal de construção de imagens positivas dos corpos negros na diáspora, conectando todo o mundo e interligando as narrativas. Usando das diversas artes produzidas e das redes para ressignificar jovens, adultos, crianças, negrxs. A Batekoo¹⁴, também compreende este lugar e reelaborou no-

13 Um festival construído por conta de um documentário de James Spooner, Afro-Punk, que começou a questionar a não-representação de corpos negros no cenário punk no início dos anos 2000. Em 2003 é lançado este manifesto audiovisual com relatos de jovens negros, frequentadores de clubes e shows de punk, e, em sua centésima exibição, que aconteceu em 2005, Spooner revolveu contratar uma banda para o encerramento da exibição, com isso, “vieram pessoas de toda parte do país. Eram pessoas que já se falavam através do site, que trocavam informações e experiências e que na ocasião do evento combinaram de fazer um grande piquenique. Dali pode-se apontar o surgimento da essência do que viria a ser o Festival Afropunk” (DIÁSPORA BLACK, 2018).

14 Desde 2014 a BATEKOO vem se tornando um importante manifesto do movimento negro e LGBTQIA+ no Brasil. O coletivo valoriza a diversidade e, por meio da música e dança, empodera minorias.

vas imagens junto com outros coletivos, festas e movimentos. Os álbuns das festas, que hoje acontecem, além de Salvador, em diversas capitais e cidades, em edições especiais ou mensais, apresentam uma imagem afrofuturista e completamente autônoma desses corpos. Corpos que se juntam para celebrar suas existências, assim como no Afropunk, na Aparelha Luzia, na Yolo Love Party, na Don't touch my hair, AfroBapho, Marcha do Empoderamento Crespo, nos espaços de reexistências de nós.

A reconexão dos negros diaspóricos foi construída desde o trânsito para as Américas, de uma forma ou de outra conseguíamos nos comunicar e lutar pelo nosso bem-estar e bem-viver. As relações que criamos hoje com sujeitos negros de todo mundo, já foram estabelecidas anteriormente, nos navios, nas senzalas, nos quilombos, nas irmandades negras, nas ruas, nas rodas de capoeira, de samba são tecnologias de sobrevivência. O que temos hoje é a ampliação dessa comunicação com o acesso à internet, com a construção de novas plataformas de interação, com a possibilidade de sabermos, em tempo real, notícias de nós. Descobrimos mais sobre África, não com o olhar do colonizador, mas pensando nossas próprias formas, ensinamentos antigos, enraizados em nossos corpos, sentimentos e sensações que partilhamos, caminhos nunca feitos, mas que nos levam a uma memória de nossos ancestrais. Mudamos o mercado, mudamos o consumo, mudamos marcas.

CONCLUSÃO

Dentro do panorama Geração Tombamento há uma diversidade grande de indivíduos. Sujeitos se reconstruindo, com todas as subjetividades possíveis e impossíveis, forjadas a partir de uma busca individual-coletiva (se possível for!) de um corpo-pensante completo. Contribuindo em apontar as reinvenções de si, de uma cultura, de uma história apagada, de um nós que reexiste, diariamente, em cada olhar, em cada respirar, em cada ação que executamos. Trazer para a academia nossas narrativas, nossas imagens e nossas reivindicações enquanto corpos-pensantes-afrodiaspóricos.

Estamos narrando outras histórias, nossas histórias. A aposta que trago nesta pesquisa é de que a Geração Tombamento ensina a olhar para além da superfície, ensina a empatia, ensina a ver para além das roupas, das cores, da pele, além do que é sobreposto enquanto signos sociais. Estamos falando de gente preta, de juventude, de descobertas, de se despir e tocar o seu igual, se despir e encontrar o que perdemos com tanta negação e silenciamento.

Todos são importantes, todos. Não podemos, simplesmente, olhar para a juventude e achar que eles não entendem nada. As crianças, correspondem à primeira versão de nós adultos, que sentem na pele, ou melhor, na psique, os detritos que o racismo estrutural deixa em nós. E assim elas vão crescendo, muitas vezes sem entender o porquê daquele preterimento, o porquê das relações delas não durarem, o porquê de se sentir tão cansada o tempo todo, de ter que ser “legal” o tempo todo, do zelo excessivo das mães, da família, do silenciamento do afeto.

São essas pessoas que lutaram pelas próximas gerações e são também essa juventude que tem reinventado as comunicações. Reinventado as representatividades, as imagens construídas e viralizadas. Hoje, as crianças que nascerem daqui a cinco anos, terão um outro arcabouço imagético, mercadológico, social, histórico. Muitas delas, não terão seus cabelos alisados aos 6 anos. Muitas delas, saberão responder ao coleguinha que a chama de imunda, de macaca, de cabelo duro. Muitas delas, poderão conversar sobre identidade de gênero ainda crianças, e não passaram por tantas negações. Assim poderão ser adultas/os plenas/os, com outros atravessamentos.

Somos corpos-negros-pensantes-políticos, capazes de inverter as ordens pré-estabelecidas pela branquitude na sua ânsia em ser melhor, em ser superior, em ser dono de todos os privilégios possíveis, sem abrir mão de nada. A juventude negra não está (e não pode estar) fora dessas lutas. A Geração Tombamento não é só o lacre, é também o lacre, mas para que isso ocorra, antes esse corpo precisa se reencontrar, precisa se entender, precisa se reconhecer; este é o

processo mais valioso em nossas existências, a capacidade de aprender.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARNARD, Malcolm. Moda e comunicação. Rio de Janeiro: Rocco, 1958.

BAUER, Martin W. e GASKELL, George (Ed.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático.; Tradução Pedrinho A. Guareschi – Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

BOLLON, Patrice. A moral da máscara: merveilleux, Zazous, dândis, punks, etc.; Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

CASTILHO, Kathia e MARTINS, Marcelo M. Discurso da moda: semiótica, design e corpo. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.

CIDREIRA, Renata Pitombo. Os sentidos da moda: vestuário, comunicação e cultura. São Paulo: Annablume, 2005.

DIÁSPORABLACK. As origens do Afropunk. Publicado em 13 de dezembro de 2018. Disponível em: https://diaspora.black/as-origens-do-afropunk/?fbclid=IwAR2ofqx_Crey6ORI4_9XoGAfictNF6qymQdIlg2xzP9PK3pReOqvqn7GQ_d8.

HALL, S. Da diáspora: Identidades e mediações culturais. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende ... et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

hooks, bell. Alisando nossos cabelos. Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Retirado do blog coletivomarias.blogspot.com/.../alisando-o-nosso-cabelo.html

KILOMBA, Grada. A Máscara. In: Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism. Tradução Jessica Oliveira de Jesus. Münster: Unrast Verlag, 2. Edição, 2010.

LORDE, Audre. A transformação do silêncio em linguagem e em ação. Comunicação de Audre Lorde no painel “Lésbicas e literatura” da Associação de Línguas Modernas em 1977 e publicado em vários livros da autora. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-transformacao-do-silencio-em-linguagem-e->

acao/

SODRÉ, Muniz. A verdade seduzida. Rio de Janeiro: DP&A. 2005, 3ª ed.

SORCINELLI, Paolo. Estudar a moda: corpos, vestuário, estratégias. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2008.

SOUSA, Neusa Santos. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. Letramentos de Reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Ana Lúcia Silva Souza. -- Campinas, SP: [s.n.], 2009.

CAPÍTULO 5

MOSSANE, UMA AUTOETNOGRAFIA NA FICÇÃO?

Evelyn Sacramento

INTRODUÇÃO

Mossane (Senegal, 1996) é o último filme da carreira da cineasta senegalesa Safi Faye. Ao contrário dos filmes anteriores em que ela usa o estilo documentário, este longa-metragem é sua estreia no estilo ficcional. Continuando imersa em sua cultura, a realizadora inaugura uma forma de olhar para a sua própria origem de forma etnográfica desenvolvendo um roteiro e uma narrativa de modo inteiramente ficcional.

Safi Faye considerada a primeira cineasta africana a produzir cinema comercialmente, nasceu em 1943, em Dakar, capital do Senegal, no seio de uma grande família camponesa. Seus pais nasceram em Fad'jal, numa aldeia ao sul de Dakar e são de etnia Sérère.

Quando jovem ela inicia o trabalho como professora primária e isso a permitiu frequentar ambientes artísticos e culturais do Senegal. Foi num desses momentos que ela conheceu o etnólogo e cineasta francês Jean Rouch (1917-2004), no Festival de Artes Negras de Dakar, no ano de 1966, e a partir deste encontro, teve sua primeira experiência no cinema, como atriz do filme *Petit à Petit* (França, 1972).

Em 1972, ela muda-se para Paris e inicia os estudos em Etnologia na École Pratique des Hautes Études en Sciences Sociales, e, no ano seguinte, ingressa na escola de cinema Louis Lumière, onde fez seu primeiro filme intitulado, *La Passante* (1972) inspirado no poema *A une Passante* (1857), de Charles Baudelaire.

Em 1973, ela dá início às filmagens do documentário *Kaddu Beykat* (1975), nesta obra ela faz uma análise da situação econômica que vive o Senegal nos anos 70, denunciando a difícil conjuntura de famílias agricultoras. O filme coincide com as pesquisas acadêmicas sobre o seu território de origem que ela vinha desenvolvendo enquanto estudante de etnologia.

Em 1979, Safi Faye termina o doutorado em antropologia pela Universidade de Paris IV, na Sorbonne e dá continuidade à pesquisa sobre a aldeia Fad'jal tendo como objeto de análise a religião dos Sérères; essa pesquisa resulta nos filmes Fad'jal e Goob na nu, ambos finalizados em 1979.

Em sua filmografia¹⁵, a cineasta transita entre extremidades e espaços de fala que foram demarcados pela colonização. O primeiro é esse olhar íntimo sobre suas vivências no interior da aldeia, a relação com a família e com a comunidade. E o outro é o olhar a partir de sua trajetória pela diáspora. Foi a sua saída da aldeia que a permitiu ter um olhar ampliado sobre a África, e esses aspectos provocaram transformações fundamentais que ficaram expressas em sua obra. Ela não só realizou pesquisa sobre sua comunidade, como também fez filmes sobre/com ela, no momento em que fez um percurso de aprendizado e de pesquisa na França.

PERCORRENDO: MOSSANE (SENEGAL, 1996)

Mossane conta a história de uma jovem de quatorze anos que vive na aldeia Mbissel dos povos Sérères. Ela é considerada uma jovem com uma beleza extraordinária, é amada por muitos, inclusive por seu irmão Ngor e pelo vizinho Sitor. Contrariando os desejos de sua família, a jovem se apaixona por Fara um pobre estudante universitário, porém desde o seu nascimento está prometida ao casamento com Diogoye, um homem que mora na Europa e ajuda financeiramente seus pais e a família de Mossane. Depois de muitos conflitos vividos, ela foge de casa tentando encontrar Fara atravessando o rio Mamangueth, mas ali estava seu destino trágico.

A narrativa fílmica tem como mote a vida de Mossane, uma história mitológica de uma menina de quatorze anos que a cada duzentos anos é devolvida aos

15 Que inclui os títulos La Passante (1972), Revenge (1973), Kaddu Beykat (1975), Fad'jal (1979), Goob na nu (1979), 3 ans 5 mois (1979-1983), Man Sa Yay (1980), As Women See It? (1980), Le âmes au soleil (1981), Selbé et tant d'autres (1983), Ambassades Nourrières (1984), Racines noires (1985), Elsie Hass, femme peintre et cinéaste d'Haiti (1985), Tesito (1989) e Mossane (1996).

ancestrais pelas águas do rio Mamangueth os ancestrais espirituais dos Pangool (ELERSON, 2009).

Mossane traz como pano de fundo, temas que fazem parte da filmografia de Safi Faye, como o cotidiano das mulheres no ambiente rural, questões socioeconômicas, climáticas, tradição e modernidade, a relação com a terra, a ficcionalização dos rituais religiosos, e o registro da história oral das aldeias.

As filmagens de Mossane foram realizadas em 1990, porém a realizadora teve que lutar na justiça com seu ex-produtor que adquiriu indevidamente os direitos do filme. O processo durou longos seis anos, mas ao final Safi Faye, conseguiu reaver seus direitos e pode finalmente lançar o filme no ano de 1996, sendo exibido na seleção oficial do Festival de Cannes.

O filme começa com Mossane se banhando no rio Mamangueth, ao fundo ouvimos uma canção local, três homens realizam um ritual, Mossane corre pelas águas, e os homens interrompem o ritual para observá-la, estes homens são os Pangools e aparecem no filme como uma metáfora, uma conexão com o passado e a mitologia. Neste momento ouvimos uma introdução que diz:

Na maré baixa quando Mossane se banha, nas águas do Mamangueth nas rias do mar, os Pangools, desaparecidos em sua juventude, depois da noite dos tempos vem, para contemplar sua eleita, admirar sua favorita. O mendigo errante persegue esses gênios da savana, que, suspirando amargamente, retornam a Sangomar, onde a foz do rio geme e esses espíritos vivem no seio dessas águas sem movimento.

Ela conta, em entrevista a Olivier Bartlet¹⁶, realizada em Cannes, na ocasião de exibição do filme Mossane no Festival, em 1997, para justificar as referências míticas encontradas em seu filme:

Eu mostro os Pangools (nome Sérère para espíritos ancestrais) porque eu realmente não acredito em religiões monoteístas e, portanto, defendo religiões africanas baseadas em espíritos. Mossane é linda demais para ser deste mundo, então deve pertencer ao mundo espiritual, ao mundo do ancestral. O problema era como representar os ancestrais. Eu não

16 Interview with Safi Faye, by Olivier Barlet realizada em Cannes de 1997, na ocasião do lançamento de Mossane no Festival de Cannes. Disponível em: < <http://africultures.com/interview-with-safi-faye-by-olivier-barlet-5283/>> Acesso em 20/07/2019.

pude mostrá-los como humanos, então eu os inventei¹⁷ (FAYE, 1997. tradução nossa).

A jovem Mossane foi a escolhida para viver uma triste história mitológica que se repete a cada duzentos anos, mas que ganha novos contornos expressos entre a tradição e a modernidade. Mossane tem sua narrativa atravessada por uma lenda rural, mas também por aspectos socioeconômicos e de gênero em que os aldeões estão inseridos e que impactam diretamente a vida de meninas e mulheres.

Mossane chega em casa e leva água para o seu irmão que está acamado, saberemos depois que ele está doente de amor por ela e para ele se curar os pais realizarão um ritual religioso. Ela conta de forma poética: “Logo iremos à praia, eu mergulharei e lhe trarei uma concha com uma pérola. Um banho de mar irá lhe fazer bem. Assim que você melhorar tomaremos banho juntos, correremos e o sol e o vento nos secarão”, esse tom poético irá retornar em outros momentos do filme, aprofundando os aspectos complexos que o filme traz.

Mossane está sentada embaixo de uma árvore, quando recebe visita de sua amiga Dibor. Ela traz algo escondido na roupa, uma revista com pessoas brancas na capa. Mossane não quer ver e reprende a amiga, que fala: “Essas pessoas são desconhecidas e livres”. É exatamente esse interesse pela liberdade que é uma característica de Dibor: ela é casada e tem uma visão sobre a vida de uma forma leve, contrastando com a inocência e o rigor familiar que sua amiga Mossane é submetida.

Interpretada pela atriz Magou Seck, que empresta sua beleza para a personagem, Mossane é considerada aquela de beleza extraordinária, seu nome quer dizer o sinônimo de beleza fatal que o cinema eternizou, ou verdadeira *femme noire*, em alusão ao poema de Senghor, que diz, “Mulher nua, mulher negra /

17 “I show the *Pangools* (Sérères name for ancestral spirits) because I don’t really believe in monotheistic religions and therefore defend African religions based around spirits. Mossane is too beautiful to be of this world so must belong to the spirit world, the ancestor’s world. The problem was how to represent the ancestors. I couldn’t show them as human so I made them up – with their heads upside down and down below”.

Vestida na sua cor que é a vida, na sua forma que é beleza”.

Uma carroça atravessa uma região árida, com os estudantes universitários Fara e Ndiak que voltaram para a aldeia, pois a universidade em que eles estudam está em greve. Eles reclamam do governo por causa da greve e pela falta de uma estrada que ligue as aldeias à cidade. Ao chegar à aldeia, eles encontram Mossane que está voltando da casa do tio. Eles oferecem carona para ela, que sobe na carroça e se senta ao lado de Fara, seu namorado, o homem que está atrás é Ndiak, primo de Mossane.

Fara admira a beleza de Mossane e fala que sentiu sua falta. Nesse momento Ndiak, fala: “Fechamos os olhos, pois virou noite!”. Porém quando eles se aproximam para se beijarem a câmera faz um movimento tirando eles do quadro, focando no charreteiro.

Não sabemos realmente se eles se beijaram, se esse movimento que a câmera faz, é para preservar a imagem de Magou Seck, que tem apenas quatorze anos quando foram feitas as filmagens, ou isso diz respeito a questões culturais.

Mossane mantém um namoro proibido com Fara. Ao chegar em casa, ela encontra sua mãe que está preparando comida, e já sabe que ela estava com Fara e recrimina. A mãe fala: “Viram você na carroça com Fara. Mandeí você ao seu tio e você fica vadiando. Cuidado!”.

Safi Faye traz a encenação de cerimônias e ritos religiosos da aldeia, revelando as diferenças culturais e particularidades da aldeia Mbissel. Essa característica apresenta sua perspectiva antropológica na construção dos filmes, nos transportando para os eventos culturais e tradicionais das aldeias sobre as quais ela se debruça.

A escuta e a busca das raízes serão mais cômodas para o nativo. Elas o ajudarão a saber quem ele é (ou era) antes da grande partida; o cineasta (africano) começa, às vezes, sua carreira por um filme sobre a sua família e sua aldeia. Como ele pertence à comunidade, por seu pertencimento e sua percepção direta de uma sociedade e de sua cultura, ele entenderá melhor que um estrangeiro palavras e comportamentos que, às vezes, têm um duplo sentido (BARLET, 1996: 20 apud BAMBA, 2009).

UMA AUTOETNOGRAFIA NA FICÇÃO?

Em Mossane, a encenação acontece em três momentos da narrativa, na cerimônia de Maissa Waly Dione ancestral que fundou a aldeia, no ritual entre os irmãos Mossane e Ngor para que o laço “incestuoso” entre os irmãos seja rompido, e por fim, no casamento de Mossane. São cenas longas, que trazem uma riqueza de detalhes e dão ao filme que é ficcional, características etnográficas, inscrevendo um estilo narrativo encontrado na obra de Safi Faye, e desenvolvendo um contraponto para a fabulação do cotidiano e das tradições.

Essa escolha narrativa pode ser vista de um lado, como uma alternativa para referenciar a história oral da África rural. Como também, uma possibilidade de ficcionalização desses rituais, através de um olhar fabulatório. Neste sentido, se faz necessário ver essas imagens como ficção, entendendo todo o repertório documental e etnográfico de Safi Faye.

Na ocasião do Festival FESPACO de Cinema de 1997, Safi Faye participou de um debate intenso tendo que justificar suas escolhas estéticas e narrativas em Mossane. Um espectador que estava na audiência tecia críticas ao seu estilo, categorizando o filme enquanto um estudo antropológico da aldeia Mbissel,

No caso de Mossane, no entanto, o espectador, já tendo enquadrado como um estudo antropológico da África, parecia não ser capaz de ouvir a cineasta e aceitar seu papel como contadora de histórias (Ellerson, 2004). Wajuhi Kamau (2000), do Quênia, discerne outra desvantagem do paradigma da tradição oral. Em sua opinião, há uma escassez de modelos femininos nas histórias femininas extraídas da tradição oral e em alguns casos, a perpetuação de estereótipos de mulheres¹⁸. (ELLERSON, 2012. p. 46, tradução nossa)

Categorizar o filme apenas como um estudo antropológico, talvez decorra da ideia falaciosa de que aqueles rituais partem do real e não da mente criativa

18 “In the case of *Mossane*, however, the viewer, having already framed Africa as an anthropological study, seemed not to be able to listen to the filmmaker and accept her role as storyteller (Ellerson, 2004). Wajuhi Kamau (2000) of Kenya discerns another drawback to the oral tradition paradigm. In her view, there is a dearth of female role models in women’s stories drawn from the oral tradition and in some cases the perpetuation of stereotypes of women”.

da realizadora. Além disso, não se compreende a complexidade das narrativas das obras de Safi Faye, e a observação cuidadosa com que ela se debruça sobre os temas que pesquisa, que se inserem na linha tênue entre aquilo que é ora artístico e ora acadêmico.

Safi Faye fala em entrevista que o cinema que ela realiza não mais pertence a ela, e sim ao público, ainda que o público que tenha acesso a esses filmes, se resume muitas vezes, ao público de festivais de cinema, e ou pesquisadores,

Eu acho que o cinema é educacional. É um instrumento de leitura. Quer um vá para a escola ou não, cada um pode ler a imagem e interpretá-la. Essa é a força do cinema. O que mais gosto na 7ª arte é fazer um produto e ele não me pertence mais. Pertence ao público. Ele é livre para interpretá-lo como quiser, para fazer seu filme do meu próprio filme. Isso é o que me fascina no cinema¹⁹ (FAYE, 2017, tradução nossa).

Entre a voz e o olhar, bell hooks²⁰ desenvolve o conceito do olhar opositivo, onde ela faz uma historiografia de como a população negra foi proibida de olhar desde a colonização, quando os negros eram castigados pelo simples gesto de olhar. Deste modo, sendo impossibilitado de olhar o mundo a partir de sua própria regência, ele passa a não olhar o mundo com seus próprios olhos, sendo condicionado a olhar através dos olhos do outro, hooks observa, que:

O “olhar” foi e é um lugar de resistência para o povo negro colonizado ao redor do globo. Os subordinados em relações de poder aprendem com a experiência que existe um olhar crítico, que “olha” para documentar, que é opositivo. Na luta pela resistência, o poder do dominado para garantir o agenciamento ao reivindicar e cultivar a “consciência” politiza as relações “do olhar” – aprende-se a olhar de um certo modo para resistir (HOOKS, 1992, p. 116)²¹.

19 “Je pense que le cinéma est éducatif. C’est un instrument de lecture. Que l’on soit allé à l’école ou pas, chaque individu peut lire l’image et l’interpréter. C’est cela la force du cinéma. Ce que j’aime le plus dans le 7ème art, c’est faire un produit et il ne m’appartient plus. Il appartient au public. Il est libre de l’interpréter comme il l’entend, de faire son film de mon propre film. C’est cela qui me fascine dans le cinema”.

20 bell hooks nasceu em Kentucky nos EUA em 25 de setembro de 1952, adotou como pseudônimo o nome de sua avó (bell hooks) e prefere que seja escrito em minúsculo para que a atenção seja concentrada em sua mensagem ao invés de em si mesma.

21 Esta é uma tradução para o português do capítulo, “The oppositional gaze”, feita por Maria Carolina de Moraes que se encontra no blog “Fora de Quadro” da crítica de cinema Carol Almeida. Disponível em <https://foradequadro.com/2017/05/26/o-olhar-opositivo-a-espectadora-negra-por-bell-hooks/>

O olhar opositivo é o olhar crítico, ela diz: “Eu não só vou olhar. Quero que meu olhar mude a realidade” (HOOKS, 1992). É a partir dessa tomada da (voz) palavra, ou do olhar, que o cinema africano se constitui, numa vontade rebelde de negação às imagens impostas.

Deste modo, a relação de alteridade existente entre documentarista e sujeito documentado nos filmes etnográficos sofre uma alteração no eixo e consequentemente uma descentralização do olhar que esteve comumente ligado às instituições históricas de poder.

(...) a eclosão de filmes etnológicos realizados em África e a criação, em 1934, da Colonial Film Unit pelos ingleses e mais tarde em 1949, da Commission du Cinéma d’Outre-Mer pelos franceses marcaram de imediato, a vontade de utilizar o cinema para fins de educação e ensino (DIAKHATÉ, 2011. p.88).

Os cineastas africanos, empenhados em reverter esse quadro mal diagramado de representações, partem para o documentário como forma de re-ensinar, re-educar, re-aprender e representar a si, a partir dos seus modos de produção, embora, a prática do cinema seja uma prática ocidental.

Safi Faye não é a única cineasta africana a realizar filmes utilizando os métodos da etnografia em suas obras, antes dela, Blaise Senghor fez *Grand magal à Touba* (Senegal, 1962), um documentário sobre o mais importante evento na vida da Irmandade Islâmica Murid. O cineasta Inoussa Ousseini faz curtas sobre vários aspectos da cultura tradicional africana, Joseph Gaye Ramaka fez diversos documentários etnográficos sobre rituais senegaleses, Aouré, de Moustapha Alassane’s traz uma perspectiva etnográfica para abordar a vida tradicional e o casamento na Nigéria, atuou também em *Petit à Petit* (1970) de Jean Rouch.

A autoetnografia é um conceito teórico e metodológico, onde o pesquisador busca refletir e representar a partir do seu ponto de vista e vivência, levando em consideração sua experiência individual e subjetiva à frente ou em consonância com o meio que o circunda. No contexto do documentário a autoetnografia, está associada a trabalhos que abordam a conjuntura do próprio cineasta, suas relações familiares, íntimas, pessoais, podendo trazer imagens autobiográficas.

Embora o termo autoetnografia seja localizado na história em diferentes momentos desde a década de 1970, ele reflete sobre a produção de conhecimento a partir da subjetividade daquele que produz uma forma de narrar a si mesmo (self), ou o contexto em que o autor está intimamente inserido.

Em termos históricos, sua origem remonta ao ano de 1975, quando o antropólogo Karl Heider chamou de autoetnografias “os relatos de sessenta crianças de uma escola elementar que responderam a um questionário sobre suas atividades habituais”. Outro uso aparece em 1979 em um artigo publicado por David Hayano que lhe atribuiu o sentido de um “estudo feito por um antropólogo sobre seu próprio povo, excluindo desse gênero a figura do antropólogo tradicional, que trabalha preferencialmente com um grupo ao qual não pertence”. Outro emprego interessante data de 1995 em um artigo de John Van Maanen, o qual afirma que as figuras do etnógrafo e do nativo “reúnem-se em um mesmo indivíduo (...)”. (ARAÚJO, 2015. p. 66)

Pode-se perceber através de seus filmes um olhar diferente sobre o outro, aqui o outro não é o sujeito exótico sobre o qual os filmes etnográficos tradicionais se debruçaram, o outro faz parte do seu ambiente familiar, são ligados por laços sanguíneos e afetivos, parte de um eu, que somos nós (aldeões).

E esses aspectos se potencializam, pois, Safi Faye além de cineasta é também antropóloga, então, sua obra é atravessada por esses dois lugares que ela ocupa, enquanto artista e pesquisadora.

Em sua obra as subjetividades vêm à tona, a da realizadora, protagonista do discurso, e a dos sujeitos filmados, sendo que ambos partilham dos mesmos repertórios, “como encontro de subjetividades que partilham de uma identidade coletiva comum” (VERSIANI, 2002, p. 65).

Deste modo, observa-se que as produções autoetnográficas as “figuras do etnógrafo e do nativo reúnem-se em um mesmo indivíduo” (MAANEN, apud ARAÚJO, 2015, p. bvc). Trazendo essas reflexões para a obra de Faye, os limites que separam a fronteira entre a camponesa e a etnóloga (ou vice-versa), ficam embaralhados.

Safi Faye partilha das mesmas vivências de seus companheiros de aldeia, embora tenha percorrido um trajeto migratório, sua filmografia é inscrita dentro do ambiente familiar, entre imagens do cotidiano de sua aldeia, uma mãe com o filho, uma mulher carregando madeira, um menino tirando leite de cabra, neste retrato do cotidiano da aldeia Fad'jal.

Em Mossane, ela utiliza as ferramentas da etnografia em conjunto à ficção, fazendo um movimento contrário daquilo que foi feito em seu trabalho documental. Deste modo, a autora dissolve fronteiras existentes entre os gêneros de documentário e ficção, como uma possibilidade de ficcionalização do real, abrindo caminho para a produção de mitos.

Apesar de pertencer a um contexto complexo, Mossane não é passiva em relação a sua história, ela vive um romance proibido com Fara, desafiando a sua família e se coloca publicamente contra o seu casamento, nas brigas constantes com os pais e na própria cerimônia do casamento em que ela pede a palavra e fala publicamente, para todos os presentes, que não quer se casar com Diogoye.

Além do amor que ela sente por Fara, ela descobre que os pais a tiraram da escola para que, ideias de independência não estivessem em sua mente. Essa informação a deixa ainda mais revoltada. Em um momento do filme, ela escuta uma conversa entre os pais, a mãe está desesperada com a revolta de Mossane, seu pai Farba fala:

Foi para evitar isso que tirei Mossane da escola após ela ter recebido o diploma, porque a escola dá a nossas crianças uma educação bastarda. Elas não deixam e nunca chegam a seu destino. Tornam-se eternos caminhantes e um certo provérbio assim os descreve: Uma bunda não pode sentar-se em dois cavalos ao mesmo tempo, com o risco de ser rasgada em duas.

Em uma das discussões com os pais antes do casamento, Mossane diz: “meu casamento é coisa minha, vou me casar com quem eu amo Fara”. A mãe fica irritada e ameaça bater em Mossane, ela volta a dizer “Você quem devia se

casar com um ministro ou um deputado. Diogoye pagou os seus débitos, então você quem está presa”, a mãe lhe dá um tapa no rosto, seu pai aparece na janela irritado e também agride a filha, que sai correndo.

Mossane corre para uma área longe da aldeia, muito irritada ela esbraveja e bate no chão, falando: “Eu a maldigo, terra estéril. Você não serve pra nada. Pangools, meus ancestrais, sinto-me sozinha aqui”. Um coro externo responde: “ô Mossane você está sozinha nesta terra. Meu dó é sabe-la tão linda e tão só”.

A terra é tudo que eles têm, porém, os problemas climáticos tornaram estéril, contribuindo para o agravamento dos problemas financeiros das aldeias, atingindo a vida dos aldeãos que vivem do campesinato para se manter, muitos que só podem viver do cultivo da terra, são famílias pobres que não recebem ajuda do governo e são esquecidas no ambiente rural.

Achar soluções para sair dessa situação é onde reside suas esperanças, pedir proteção e levar oferendas ao seu ancestral Maissa Waly, ou forçar um casamento para a filha, mesmo que eles não contassem com o livre arbítrio e a insubordinação de Mossane.

No dia do casamento, Mossane está no quarto com sua amiga Dibor e as outras meninas. Ela lamenta por estar sendo forçada a se casar, mas principalmente pelo fato de saber que não pode frequentar uma escola, como uma forma de cercear sua liberdade.

Através de Mossane, Safi Faye aborda sobre o direito das mulheres e a autoridade sobre seus próprios corpos, o desejo de serem livres e poderem escolher com quem querem se casar ou não. Fazer essa abordagem no ambiente rural, mostra as complexidades dessas relações, que se fundamentam a partir do ponto de vista cultural, e também socioeconômico.

As mulheres do filme tem um papel central na construção da narrativa. É a mãe de Mossane que toma a frente do casamento, e é nela que reside a responsabilidade de consagrar as tradições culturais dos aldeãos de Mbessi para a

posteridade. Ao seu lado, está o pai de Mossane, que se coloca como “chefe da família”, mas tem um papel secundário no filme, e talvez na vida das mulheres.

No dia seguinte ao casamento, Mossane sai de madrugada para procurar Fara, mas ele já havia partido, pois a greve da universidade tinha acabado. Inconformada ela sai correndo pelo mato e pega uma canoa. Nesse momento sua mãe percebe que Mossane não está em casa e inicia as buscas junto com outros aldeões. Enquanto sua mãe procura por ela na floresta, Mossane se perde na escuridão do rio Mamangueth, não sendo mostrado claramente como ela morre.

Na manhã seguinte, o corpo de Mossane surge nas margens do rio, e o desespero toma conta da aldeia. A lenda tinha sido cumprida, a senhora Má, acompanha os aldeões, com certa distância, suas palavras vão ecoando pelo tempo enquanto o corpo de Mossane vai sendo levado pelos aldeões.

Safi Faye constrói personagens femininos carregados de complexidades e interpretações, elaborando um cinema feminista, mesmo que ela própria não se enquadre enquanto feminista. Ela prefere dizer que seus filmes abordam situações econômicas, históricas, sociais e políticas, a mulher, assim como o homem faz parte dessa sociedade a qual ela escolheu retratar em seus filmes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

32e Festival International de Films de Femmes. La leçon de Cinema de Safi Faye. 2010. Disponível em: <http://www.dailymotion.com/video/xcmkn9_la-lecon-de-cinema-de-safi-faye_creation>. Acesso em: 05, set. 2013.

ARAÚJO, Juliano José de et al. **Cineastas indígenas, documentário e autoetnografia: um estudo do projeto** Vídeo nas Aldeias. 2015.

BAMBA, Mohamed. **Jean Rouch Cineasta Africanista?**. Devires, Belo Horizonte, V. 6, N. 1, P. 105, JAN/JUN; 2009.

BARLET, Olivier. **Les cinq décennies des cinemas d’Afrique**. 2008. Disponível em: <<http://www.africultures.com/php/?nav=article&no=7304>>. Acesso em 05, set. 2013.

CESAR, Amaranta. **Cinema africano e autorrepresentação: da reconfiguração do passado colonial para a reinvenção do presente global**. In: Anelise Courseil, Ramayana Lira. (Org.). Cinema, Globalização, Transculturalidade. 160 ed. Blumenau: Nova Letra, 2013, v. 1, p. 139-160.

COSTA, Suzana. **De Carta Camponesa (1975) à Carta a Safi Faye**. In: BAMBÁ, Mohamed. MELEIRO, Alessandra. (Orgs). Filmes da África e da Diáspora: objetos de discurso. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 189-207.

DIAO, Claire. **Le 32e Festival du Film de Femmes de Créteil rend hommage à Safi Faye**. Africultures. 2010. Disponível em: <<http://www.africultures.com/php/index.php?nav=article&no=9413>>. Acesso em: 05 set. 2013.

ELLERSON, Beti. (2012), **Towards an African women in cinema studies**, Journal of African Cinemas 4: 2, pp. 221–228, doi: 10.1386/jac.4.2.221_1.

_____. 2004. “African through a Woman’s Eyes: Safi Faye’s Cinema”. In: Francoise Pfaff (ed). 2004. Focus on African Films. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press. P. 195-201

_____. 2011. “Feminist Africa 16 African Feminist Engagements with Film Reflections on Cinema Criticism and African Women”. p.37 -52. In: African Gender Institute, University of Cape Town, South África. Org. Amina Mama, Salem Mekuria e Yaba Badoe

From Twenty-Five Black African Filmmakers: A Critical Study, whit Filmography and Bio- Bibliography by Francoise Paff. Greenwood Press. 1988. Disponível em: <http://www.africanwomenincinema.org/AFWC/Faye_Pfaff.html> Acesso em: 20 de março 2017.

HARROW, Kenneth W. **Cinema africano: perturbando a ordem (cinemática mundial)**. In: CÉSAR, Amaranta; MONTEIRO, Lúcia Ramos (orgs.). Dossiê – Africanidades. Rebeca - Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual, v. 5, n. 2, Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual – Socine, jul. / dez. 2016, p. 339-367. Disponível em: <<https://rebeca.socine.org.br/1/issue/view/14>>. Acesso em setembro/2017>.

HOOKS, Bell. **Black Looks: Race and Representation: The Oppositional Gaze: Black Female Spectators** (1992). Boston: South End. Press Tradução do inglês: Maria Carolina Morais. Disponível em: <https://foradequadro.com/2017/05/26/o-olhar-opositivo-a-espectadora-negra-por-bell-hooks/>. Acesso em setembro/2017>.

Interview with Safi Faye, by Olivier Barlet. Disponível em: <http://africultures.com/interview-with-safi-faye-by-olivier-barlet-5283/>. Acesso em: 20 jul. 2019

MEDJIGBODO, Nicole. **Afrique Cinématographiée, Afrique Cinématographique**. Canadian Journal of African Studies / Revue Canadienne Des Études Africaines, vol. 13, no. 3, 1980, pp. 371–387. JSTOR, JSTOR.

Safi Faye: **The Senegalese filmmaker on climate change and corruption**. 2015. Disponível em: <https://trueafrica.co/article/safi-faye-the-senegalese-filmmaker-on-climate-change-and-corruption/>. Acesso em: 14 de junho de 2018.

Safi Faye, réalisatrice: **Que l’Afrique continue d’avoir sa place dans le cinéma mondial**. Disponível em: https://www.ndarinfo.com/Safi-Faye-realisateurice-Que-l-Afrique-continue-d-avoir-sa-place-dans-le-cinema-mondial_a20655.html> Acesso em: 20 jul. 2019

Safi Faye: Modelo La Grande Référence. Disponível em: <http://africanwomenincinema.blogspot.com/2010/05/safi-faye-role-model.html>> Acesso em: 20 jul. 2019

Thérèse Sita-Bella. Disponível em: http://africultures.com/personnes/?no=24560&utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=429> Acesso em: 14 de junho de 2018.

THIONG’O, Ngugi Wa. **A descolonização da mente é um pré-requisito para a prática criativa do cinema africano?** In. MELEIRO, Alessandra (Org.). Cinema no Mundo: indústria, política e mercado. África. vol 1. São Paulo: Escrituras, 2007

THACKWAY, Melissa. **Africa Shoots Back: Alternative Perspectives in Sub-Saharan Francophone African Film**. Bloomington : Indiana University Press , 2003.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. Autoetnografia: uma alternativa conceitual. **Letras de hoje**, v. 37, n. 4, 2002.

FILMES:

Kaddu Beykat. Direção: Safi Faye. Dakar – Senegal, 1975. 90 min. Son. P&B. 16mm.

Petit à Petit. Direção: Jean Rouch. Paris – França. 1971. 105 min. Son. Color. 16mm.

Mossane. Direção: Safi Faye. Dakar – Senegal. 1996. 105 min. Stereo. Color. 16 mm.

CAPÍTULO 6

JOGOS DIGITAIS E APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA DOS EDUCADORES

Bruno Fernandes Carvalho da Silva

INTRODUÇÃO

Em 2012, pensei em levar jogos digitais para fazer parte das aulas na Escola Municipal Marcionílio Rosa de Irecê-Ba. Claro que essa ideia surge da minha convivência com os games desde que era criança. Sempre achei que tinha ficado mais inteligente jogando. Os games provocavam, desafiavam, me faziam pesquisar mais e depois que parava de jogar usava essas histórias para compor imaginação e pensamento.

Tenho fascínio pelos diversos mundos criados para cada jogo, pela diferença entre suas narrativas, por levarem as emoções dos jogadores ao extremo. Ao introduzir os games no ambiente escolar como um profissional da educação experimentei com os estudantes vivências que foram demonstrando como os jogos digitais se solidificavam como prática pedagógica.

Entretanto, o questionamento sobre que tipo de aprendizagens são estimuladas através dos jogos digitais sempre incomoda e desta inquietação nasce o interesse dessa pesquisa.

Tentando uma melhor compreensão, a metodologia deste trabalho se inspira em outras formas de estudo sobre a temática dos jogos digitais (PETRY, 2016; ESPINOZA & GÓMEZ, 2016). Nos artigos dos autores há detalhes de estruturas para pesquisa envolvendo games, logo, partimos destas bases para consolidar a metodologia considerando logicamente as nuances dos ambientes pesquisados.

Além disso, o contexto da pesquisa se manifesta nas respostas dos questionários direcionados aos educadores dos ambientes pesquisados e nas atividades com jogos digitais enquanto prática pedagógica que envolveu os estudantes ao longo de cinco anos, ações estas que constituem a metodologia deste trabalho.

Dentro desta dimensão os dados coletados são apresentados enquanto discussão sobre aprendizagens relacionadas a aspectos cognitivos, físicos, socioafetivos e de conteúdos envolvendo os games. Entretanto, enquanto Petry

A. aborda uma perspectiva do estudante/jogador, neste trabalho, o foco se concentra no olhar dos educadores que percebiam o movimento cotidiano da utilização dos jogos digitais nas escolas pesquisadas.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi conduzindo em duas escolas urbanas do município de Irecê-Ba, focando o 5º ano do fundamental I. foram observadas quatro salas de aula, sendo que duas delas pertencem a Escola Municipal Marcionílio Rosa e as outras duas salas a Escola Municipal Tenente Wilson.

A Escola Municipal Marcionílio Rosa está localizada na Praça Marcionílio Rosa, s/n, no bairro Boa Vista em Irecê-Ba, sua escolha como campo da pesquisa se deve ao fato de trabalharmos com jogos digitais desde 2012, logo, temos estudantes que cursaram todo o ensino fundamental I, tendo atividades com games em sua rotina escolar.

A Escola Municipal Tenente Wilson Marques Moitinho está localizada na rua São Francisco, S/n, no centro de Irecê-Ba, sua escolha como campo de pesquisa é devido a estrutura de funcionamento adotada para 2017, o ambiente é uma das escolas piloto para implantação da educação em tempo integral no município.

Dentro deste contexto na Escola Tenente Wilson, a Secretaria de Educação Municipal de Irecê e a gestão escolar decidiram criar um espaço físico com carga horária para trabalhar com tecnologias. Nomeamos a sala como Ambiente de Aprendizagens e Tecnologias (AAT).

Devido às práticas pedagógicas estruturadas com tecnologias de informação e conhecimento que desenvolvo na escola Marcionílio Rosa, recebi o convite para que fosse o orientador desta sala criada na escola Tenente Wilson, para que os jogos digitais pudessem fazer parte deste espaço.

As turmas do 5º ano do fundamental I têm uma aula de 90 minutos semanais no Ambiente de Aprendizagens e Tecnologias da escola Tenente Wilson, porém, na Marcionílio Rosa como não é educação em tempo integral, a carga horária é

menor, sendo apenas uma aula de 45 minutos por semana dentro do ambiente. A importância de ressaltar todas estas características, deve-se a esta pesquisa ter adotado a referida estrutura de aulas para se viabilizar.

Dentro do contexto das escolas há um longo tempo de experiência com trabalho didático com jogos digitais. Tentando compreender a aprendizagem do estudante adotei as orientações metodológicas defendidas por Espinosa e Gómez (2016) para realização de pesquisas que visem observar o desenvolvimento humano a partir da interação com games.

Entretanto, o principal interesse deste trabalho é compreender como os educadores das referidas escolas perceberam este cotidiano com jogos digitais e que tipo de aprendizagem acreditam que podem ser desenvolvidas pelos estudantes articulando esta prática.

Inicialmente, apliquei um questionário para os educadores (coordenadores, gestores e professores) das escolas pesquisadas (Petry A, 2016), propondo duas perguntas que estruturam seus estudos sobre aprendizagem com jogos digitais, sendo uma fechada (“acredita que aprendeu algo jogando jogos digitais?”). No caso desta pesquisa a questão foi modificada para (“acredita que os estudantes aprendem algo jogando jogos digitais na escola?”).

Em caso de resposta afirmativa os entrevistados responderiam um segundo questionamento (“o que você acha que aprendeu jogando?”). No nosso caso a questão para os educadores foi (“o que você acha que os estudantes aprendem jogando jogos digitais na escola?”).

Arlete Petry (2016) fez pesquisa com uma análise qualitativa/quantitativa de estudantes em graduação do curso de jogos digitais da cidade de São Paulo baseada nos questionamentos supracitados. Sendo assim, estabeleço uma comparação dos dados obtidos junto aos educadores com os colocados em evidência no trabalho de Petry, tendo como objetivo uma percepção mais abrangente e consolidada das aprendizagens oriundas de práticas educativas com jogos digitais.

JOGOS DIGITAIS E APRENDIZAGEM

Os jogadores relatam que aprendem muito com os games, desde conteúdos escolares a habilidades socioafetivas e cognitivas. Estas trocas de conhecimento sem o imperativo da escola, porém, os jogos digitais vêm aos poucos ganhando terreno enquanto prática educativa dentro da sala de aula. Neste sentido, Petry afirma com base em sua pesquisa que:

A diversidade de conteúdos escolares citados como aprendidos por meio dos jogos comerciais se mostrou surpreendente. Resta saber o quanto esses conhecimentos realmente se fazem úteis para os currículos escolares nacionais, com reflexos na educação formal de nossos estudantes.

Para além do desenvolvimento de um pensamento que é diretamente demandado para execução de atividades escolares e de uma bagagem de conhecimentos relacionados com conteúdo escolares, os estudantes também destacam habilidades socioafetivas aprendidas por meio dos jogos. (Petry A, 2016, p 35)

A preocupação da autora em saber a utilidade do conhecimento aprendido com jogos digitais para educação formal foi a razão que também motivou meu incômodo nesta pesquisa. Não é fácil identificar a relação que o game estabelece com os conteúdos curriculares e nem sempre ela acontece de forma direta. É arriscado dizer que determinado jogo ensina língua portuguesa ou em outro o estudante aprenderá matemática, sabendo que, pensar neste sentido é um direcionamento cartesiano.

Nos moldes em que se processa a educação formal nos dias atuais na rede Municipal de Irecê, para um pesquisador em jogos digitais seria tão mais fácil receitar um jogo para um melhor aprendizado em matemática, leitura e escrita no ensino fundamental I. Entretanto, tal tarefa não é fácil, pois sou professor há sete anos, constatando um foco demasiado nas áreas de língua portuguesa e matemática, posto que claramente o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) nos assombra a buscar resultados às vezes, 'fáceis'.

Embora esta vontade de domesticação dos jogos digitais perante os conteúdos curriculares venha sempre à tona, seria bom que evitássemos este caminho, pois, os games trazem um outro aprendizado com características próprias que atravessam as disciplinas e conectam diversos conhecimentos, não sendo privilégio exclusivo de nenhum deles.

Mas, como os professores percebem o aprendizado com os jogos digitais? Neste sentido, foi feito um questionário para os educadores tanto da escola Tenente Wilson quanto da Marcionílio sobre o que eles acham que os estudantes aprendem através dos games.

A conexão entre as respostas dos estudantes da pesquisa feita por Petry (2016) e dos educadores que colaboraram com este trabalho, são postas em diálogo com intuito de encontrar evidências mais claras sobre o aprendizado baseado nos jogos digitais. Portanto, adotei categorias semelhantes às exploradas pela pesquisadora para análise das respostas dos questionários, sendo elas: aspectos cognitivos, aspectos socioafetivos, conteúdos escolares e destreza motora.

Para cada categoria também foi estabelecido um conjunto de palavras que tornasse possível o agrupamento das respostas concedidas pelos entrevistados semelhantes as apresentadas por Petry A. Entretanto, as pessoas que responderam os questionários possuíam características diferentes, sendo estudantes em uma pesquisa e educadores na outra, assim, houve a necessidade de mudança pontual nas categorias para englobamento de termos, o que foi feito tomando como base os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

As palavras usadas para o agrupamento nos aspectos cognitivos são: raciocínio, pensamento lógico, pensamento rápido, estratégia, memória, criatividade. Para aspectos socioafetivos: trabalho em equipe, cooperação, sociabilidade, autocontrole, perseverança, organização, resolução de conflitos, lazer, emoções, responsabilidade, respeito, disciplina, interação e afetividade. Para conteúdos escolares: leitura, escrita, interpretação de texto, português e matemática. Para aspectos físicos: reflexo, destreza, coordenação, controle

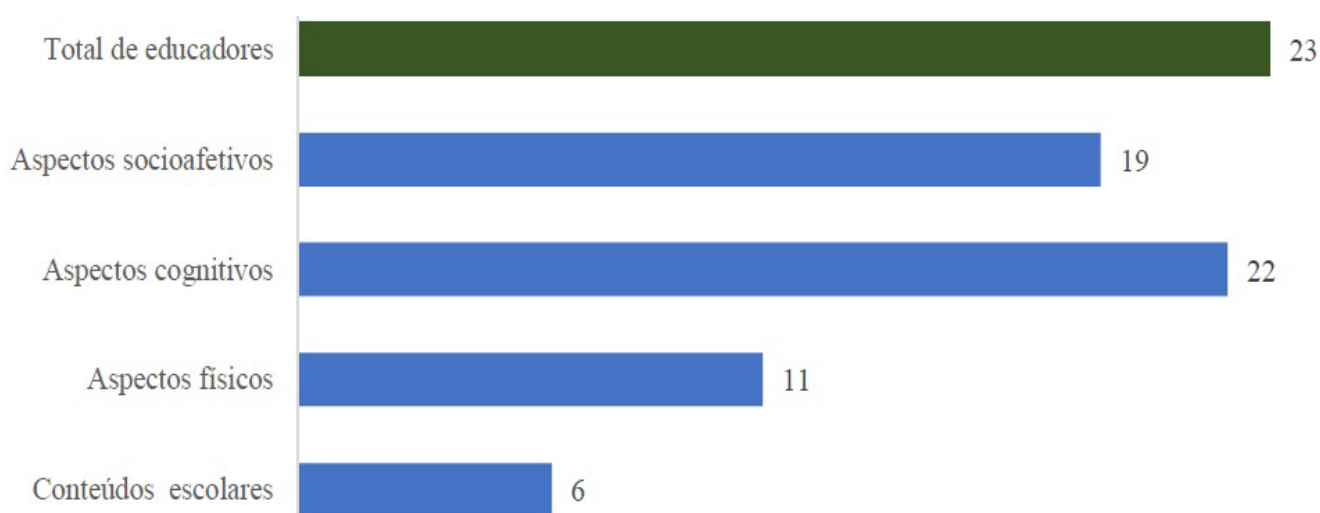
corporal, agilidade. Cada palavra apareceu ao menos uma vez nas respostas contidas nos questionários.

Foram entregues no total de 26 questionários; destes, três educadores não devolveram o documento. Responderam também os gestores e coordenadores; a tentativa era contemplar de forma integral os educadores do campo de pesquisa. É importante ressaltar que todos os participantes já observaram inúmeras vezes os estudantes fazendo atividades com os jogos digitais nas duas escolas.

A primeira pergunta foi: acredita que os estudantes aprendem algo jogando jogos digitais na escola? O resultado foi unânime: todos acreditam que os games trazem algum tipo de aprendizado. Na pesquisa de Petry, 96% dos estudantes/jogadores afirmavam aprender algo como os games. Comparando com os dados deste trabalho temos uma diferença de 4 pontos percentuais, já que 100% dos educadores afirmam ver evidências de aprendizado a partir dos jogos digitais.

Somando as duas pesquisas, podemos perceber que a maioria admite que os jogos digitais trazem conhecimentos, porém, através das categorias anteriormente citadas vamos compreender quais aprendizados são percebidos como estimulados através dos jogos digitais. A segunda pergunta feita através do questionário aos educadores foi: o que você acha que os estudantes aprendem jogando jogos digitais na escola?

Gráfico 1: Jogos digitais e aprendizagem na perspectiva dos educadores.



Antes de começarmos a discutir os dados do gráfico apresentando, ressalto que as categorias sugeridas por Petry que foram adaptadas para este trabalho, coincide com as expostas como objetivos de aprendizagem mencionados nos PCNs (2001). Para reforçar as orientações a respeito do que queremos que os estudantes desenvolvam no ensino fundamental I, os Parâmetros Curriculares Nacionais apontam que, “assim, os objetivos se definem em termos de capacidades cognitiva, física, afetiva, de relação interpessoal e inserção social, ética e estética, tendo em vista a formação ampla.”.

Ressalta-se que os educadores acreditam que os jogos digitais como atividade educativa contemplam mais da metade dos objetivos propostos nos PCNs para o ensino fundamental I. Então, talvez seja a hora de pensar com mais seriedade os games como estrutura de aulas nas escolas.

ASPECTOS COGNITIVOS

Nas respostas dos educadores as palavras mais citadas em relação a aprendizagem envolvendo jogos digitais foram raciocínio-lógico e concentração. Ambas aparecem 15 vezes; este número equivale a 65,21% do total dos participantes. Os termos fazem parte do que consideramos neste trabalho como aspectos cognitivos e são de suma importância para a aprendizagem de diversos conhecimentos, inclusive os conteúdos escolares que são citados 6 vezes pelos pesquisados.

Há quem acredite que não aprendemos diretamente os conteúdos estipulados no currículo escolar através dos jogos digitais, entretanto, esta pesquisa demonstra que 26,08% dos educadores apontam que os games trazem conhecimentos ligados as áreas de matemática e língua portuguesa. Para além desta visão cartesiana, é inegável que com o desenvolvimento dos aspectos cognitivos os processos de aprendizagem ocorrem de forma mais fácil, independentemente da área do conhecimento.

A capacidade cognitiva tem grande influência na postura do indivíduo em relação a metas que quer atingir nas mais diversas situações da vida, vinculando-se diretamente ao uso de formas de representação e de comunicação, envolvendo a resolução de problemas, de maneira consciente ou não. A aquisição progressiva de códigos de representação e a possibilidade de operar com eles interfere diretamente na aprendizagem da língua, da matemática, da representação espacial, temporal e gráfica e na leitura de imagens. (PCN, Brasil, 2001)

Esta recorrência de citações dos Parâmetros Curriculares Nacionais, além da pertinência com os caminhos desta pesquisa, é uma tentativa de demonstrar para aqueles que se aventuram a usar jogos digitais na escola que temos um porto seguro nos próprios documentos que orientam a educação nacional.

Para deixar claro, 95,65% dos educadores das escolas Marcionílio Rosa e Tenente Wilson enxergam aprendizagem de aspectos cognitivos nos estudantes, provocados a partir das atividades estruturadas com os jogos digitais. Devemos lembrar que são cinco anos de convívio com os games na primeira escola e nove meses na segunda, por tanto, as respostas dadas pelos professores, gestores e coordenadores destes ambientes escolares são de pessoas que convivem com este contexto, não sendo apenas uma atividade de pesquisa esporádica envolvendo games.

Os jogos digitais não necessitam proporcionar aprendizados de conteúdos escolares, muito menos são um mero recurso educativo, assemelham-se muito mais a um dispositivo de experiência cultural (Bahia, 2016). Ainda, podemos somar isso a declaração de Petry (2016) “acredito que se aprenda mesmo quando essa não é a intenção e que, às vezes, aprende-se mais ou algo diferente do que foi pretendido ensinar”.

Sendo um educador que trabalha com jogos digitais há cinco anos e tomando como orientação os autores supracitados, não aconselho sob hipótese nenhuma a escravização dos games face ao conteúdo curricular, esclarecendo que, naturalmente eles se conectarão. Como visto, isto pode ocorrer através do desenvolvimento dos aspectos cognitivos que os games promovem e que tem

impacto sobre aprendizagem dos conteúdos ou pela própria estrutura e maneira de jogar, que muitas vezes apresentam conhecimentos ensinados em sala de aula de forma direta.

ASPECTOS SOCIOAFETIVOS

De igual forma podemos nos questionar sobre a influência dos aspectos socioafetivos na aprendizagem dos estudantes, sabendo que, os mesmos também são conteúdos curriculares, além disso, são indispensáveis para relação das crianças com o meio que os cerca.

Os jogos digitais se apresentaram como um forte artefato para desenvolvimento dos aspectos socioafetivos, sendo que, 82,6% dos educadores percebem estas características nos games. Nos dados da pesquisa de Petry, 29% dos estudantes acreditam que desenvolveram os mesmos predicados jogando.

Os educadores participantes desta pesquisa não são jogadores de game e é importante pensar sobre o contexto das respostas dos questionários em função deste dado.

Para que os jogos digitais e as práticas gamificadas funcionem como recursos pedagógicos, é necessário que os professores interajam minimamente como os jogos, para ter acesso a elementos aos games que possam ser úteis às aulas, garantindo um espaço escolar mais prazeroso, motivador e que consiga envolver o aluno nas atividades propostas. (Ribeiro e Carvalho, 2016, p. 76)

Então, estamos falando de educadores que imprimem seu olhar externo sobre aprendizagem e jogos digitais, claro que podemos e temos condições de perceber através de observações se há esta relação e sob nenhuma hipótese devemos desconsiderar a experiência dos pesquisados, pois, vivem os processos de ensino aprendizagem cotidianamente. Por outro lado, fica a dúvida, caso os educadores também fossem usuários de jogos digitais de que forma as respostas do questionário se alterariam?

Como visto, Ribeiro e Carvalho deixam claro que se não houver o conhecimento mínimo e a interação mínima com os games o trabalho pedagógico com os mesmos se torna dificultoso. Do meu ponto de vista (professor/jogador) vejo a possibilidade e os pormenores do aprendizado com jogos digitais, acredito ter tido desenvolvimentos pessoais e profissionais significativos jogando, por isso, as curiosidades desta pesquisa.

Exponho incisivamente o meu alto nível de implicação com a temática e justifico novamente a opção por uma abordagem parcialmente quantitativa, pois, os números são um ótimo contrapeso neste caso, já que equilibram a balança entre envolvimento e suspensão nesta pesquisa.

Então, retornando ao aprendizado de aspectos socioafetivos, o que é demonstrando através das respostas tanto dos educadores quanto dos estudantes são evidências do desenvolvimento destas qualidades quando o jogo digital entra em cena. Nos PCNs (2001) é abordado que através da qualificação dos aspectos socioafetivos os estudantes podem entender a si mesmo e aos outros, tornam-se melhores na capacidade de reflexão sobre os próprios pensamentos, cooperação, participação, motivação e atitudes de convívio social, tudo isso implica diretamente nos trabalhos e atividades realizados em sala de aula.

Um dos predicados dos games que está diretamente ligado a tudo que foi apresentado no parágrafo acima é ser prazeroso, neste sentido, é relevante alertar sobre atitudes que descaracterizam o jogo e a importância da satisfação.

O bem-estar proporcionado pelos jogos, mencionados pelos participantes, também deve ser destacado, pois os aspectos afetivos do sujeito são grandes interferentes nos processos de aprendizagem, o que remete à perspectiva walloniana de enfoque da afetividade e de sua relação com as dimensões cognitivas e motoras, necessária para o processo de ensino-aprendizagem satisfatório. (Ribeiro e Carvalho, 2016, p 78)

Nesta perspectiva, os aspectos socioafetivos estabelecem vínculos com os aspectos cognitivos e físicos impactando todo o processo de ensino aprendizagem,

a gênese desta cadeia de eventos tem com um dos formadores o sentimento de prazer e evidentemente os jogos digitais não são atividades exclusivas com esta característica.

Entretanto, abordando-se a perspectiva walloniana e relacionando-a com as respostas dos educadores contidas no gráfico apresentado, poderemos observar o potencial de uma atividade envolvendo jogos digitais para a construção da pessoa segundo esta teoria. Logo, diante de tais ideias, torna-se indispensável enaltecer a relação entre afetividade e o ambiente social enquanto fomentador do terreno de origem para a atividade cognitiva (Dantas, 1992).

Neste sentido, definitivamente as questões socioafetivas estão diretamente ligadas ao desenvolvimento dos estudantes, sendo assim, os aspectos cognitivos não sobrepõem os aspectos afetivos quando consideramos a aprendizagem, antes, são interdependentes. E, na falta de atenção para com um deles, as dificuldades de ensino e aprendizagem crescem exponencialmente. Com isto quero dizer que atividades que promovam o exercício dos aspectos cognitivos e socioafetivos simultaneamente, devem ser consideradas e respeitadas como estruturas didáticas, logo, a defesa por jogos digitais em práticas escolares é plausível.

ASPECTOS FÍSICOS

As respostas dadas pelos educadores em relação aos aspectos físicos devem ser consideradas a partir do entendimento que a metodologia desta pesquisa propõe para uso de jogos digitais que utilizam o sensor de movimento (Kinect) do Xbox 360 e Xbox One como forma de interação. Os educadores observam as crianças jogando com esta tecnologia no ambiente escolar há algum tempo, como foi ressaltado anteriormente neste texto. Também sabem, que é através do corpo que os estudantes manipulam as ações no game, logo, os dados apresentados se conectam com este contexto e tendem a se mostrar diferentes em outras pesquisas em que a forma de jogar é diferente.

Para demonstrar o que foi dito resgataremos os dados da pesquisa de Petry (2016). Seus estudos apontam que 10% dos pesquisados afirmaram desenvolver algum tipo de destreza motora ao jogarem. Quando questionamos os educadores sobre o aprendizado com jogos digitais, 47,82% deles apontam para o desenvolvimento ligado aos aspectos físicos das crianças.

Nunca é demais lembrar que as pessoas que respondem em uma pesquisa são estudantes/jogadores, falando sobre as impressões que tem acerca de suas próprias aprendizagens dentro dos jogos digitais. Já neste trabalho, temos educadores que interpretam a ação de jogar diante de todo o seu repertório profissional que está diretamente ligado às questões do ensino aprendizagem, porém, em sua maioria não possuem vivência cotidiana com os games.

O fato de haver evidências nos estudos de Petry (2016) sobre a aprendizagem de aspectos físicos ao jogar, demonstra que mesmo quando a interação é feita com periféricos (mouse, teclado, joystick) ao invés do corpo, as características físicas continuam aparecendo e sendo desenvolvidas.

Tendo em vista que as formas de jogar são múltiplas, quando o desenvolvimento de aspectos físicos for o objetivo, é preciso considerar a forma de interação com os jogos digitais, com devida atenção por parte do professor quanto a esta característica ao usar os games didaticamente.

O educador deve sempre estar atento a elementos que favorecem ou inviabilizam os jogos, pois, cada pequeno detalhe afeta a atividade e, por consequência, os objetivos pretendidos (Martin et al., 2015). Neste sentido, o aprendizado pode estar nas dificuldades do game, regras, cenários, personagens, história, desafios, designer, jogabilidade, etc. também na forma de interação com o joystick, mouse, teclado, sensores de movimentos, telas sensíveis ao toque, entre outros.

Como visto, o desenvolvimento físico é percebido nas aprendizagens fomentadas através dos jogos digitais, o que demonstra a versatilidade deste artefato cultural. Nos PCNs (2001) “A capacidade física engloba autoconhecimento

e uso do corpo na expressão de emoções, na superação de estereótipos de movimentos, nos jogos, no deslocamento com segurança”

CONSIDERAÇÕES

Ao categorizar as respostas dos educadores, buscou-se facilitar a percepção dos aprendizados envolvendo os jogos digitais. Visto de um plano mais global, o potencial dos games é de estimular o ser humano de forma integral, acompanhe o pensamento:

Na realidade, o jogo eletrônico apresenta-se como um conjunto altamente estruturado e segmentado de experiências. Jogar videogame é um ato complexo que, além de elementos ergódicos e interativos, promove variadas formas de vivências, exige habilidades múltiplas e suscita engajamentos diversos. (Telles, 2015, p 15)

O que Telles afirma em relação às complexidades dos jogos digitais é sua qualidade em ser uma estrutura que estimula o desenvolvimento do jogador, que é igualmente complexo. No game, não há o momento de foco no conteúdo, ou nos aspectos cognitivos, socioafetivos e físicos, antes, em seus desafios, o jogador é completamente arrebatado, exigido, estimulado, frustrado e desafiado, então quem joga, joga com tudo que é.

Huizinga (2012), afirma que “O jogador pode entregar-se de corpo e alma ao jogo, e a consciência de tratar-se “apenas” de um jogo pode passar para segundo plano”. Desta forma, os games tomam força como vivências, como oportunidade para termos experiência com situações que jamais poderíamos viver e que ao vivê-las podem ocorrer aprendizados que estão vinculados diretamente a este contexto.

Ao discutir o tema, uma memória se sobressai quando iniciamos o trabalho como jogos digitais na plataforma Xbox 360. Naquela época, utilizávamos o game Kinect Sports, e ao jogar em um cenário de um estádio de atletismo, refletíamos sobre quantas daquelas crianças teriam realmente a oportunidade de conhecer um estádio de uma forma mais real que aquela. Nenhum filme, nenhum slide, nenhum texto permitia tanta interação com aquele ambiente quanto

o jogo e os estudantes correram virtualmente nas faixas fazendo movimentos reais para interagir, lançaram seus dardos de igual forma, assim como, fizeram saltos em distância e nos gracejos do game ouviram palmas dos torcedores nas arquibancadas, seus recordes serem anunciados, seus erros serem penalizados, tudo isso, com uma pitada de prazer.

Todo jogador joga sempre pelo prazer. Pelo prazer em vencer e ganhar a recompensa, mesmo que seja um simples emblema de que conseguiu passar por mais uma etapa. Ao fim de tudo, o prazer em jogar, competir individualmente ou em grupo, muitas vezes em atitude de cooperação, duelar, rir, se emocionar, se estressar, estar em busca daquilo que representará a vitória, a conquista sobre os oponentes, a recompensa. (Martins et al., 2015, p 18)

Fica claro, que o aprendizado é um bônus da recompensa, não é o foco do estudante/jogador, entretanto, isto não impede que ele ocorra. Devemos levar em conta que é também papel do professor observar o potencial educativo que cada game possui e, como sabemos, isso só é possível ao experimentá-los.

Pensando em como os Parâmetros Curriculares Nacionais acreditam que os estudantes do ensino fundamental aprendem, fica evidente que o jogo digital é um artefato que contribui significativamente para este crescimento, sendo totalmente viável como estrutura didática para professor.

Concluimos que as aprendizagens estimuladas através dos jogos digitais são tão vastas e diversificadas que não cabem em uma disciplina, antes, são vivências que promovem o desenvolvimento humano de forma global, considerando os aspectos cognitivos, socioafetivos, físicos e as interações que há entre estas características.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHIA, A. B. Desenhando health games para não gamers. In: ALVES, Lynn; COUTINHO, Isa de Jesus (Coord.). **Jogos digitais e Aprendizagem: Fundamentos de uma prática baseada em evidências**. Campinas: Papirus, 2016. Cap. IV, pag. 77-104.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais:** Introdução aos parâmetros curriculares nacionais/ Ministério da Educação. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001.

ESPINOSA, R. S. C.; GÓMEZ J. L. E. Pesquisa da avaliação e da eficácia da aprendizagem baseada em jogos digitais: Reflexões entorno da literatura científica. In: ALVES, L.; COUTINHO, I. de J. (Coord.). **Jogos digitais e Aprendizagem:** Fundamentos de uma prática baseada em evidências. Campinas: Papyrus, 2016. Cap. III, pag. 61-76.

HUIZINGA. J. **Homo ludens.** 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

PETRY, A. dos S. Jogos digitais e aprendizagem: Algumas evidencias de pesquisas. In: ALVES, L.; COUTINHO, I. de J. (Coord.). **Jogos digitais e Aprendizagem:** Fundamentos de uma prática baseada em evidências. Campinas: Papyrus, 2016. Cap. II, pag. 43-60.

PETRY, L. C. O conceito ontológico do jogo. In: ALVES, L.; COUTINHO, I. de J. (Coord.). **Jogos digitais e Aprendizagem:** Fundamentos de uma prática baseada em evidências. Campinas: Papyrus, 2016. Cap. I, pag. 17-42.

MARTINS, T. M. de O. et al. A Gamificação de Conteúdos Escolares: Uma Experiência a partir da diversidade cultural Brasileira. In: ALVES, L.; NERY, J. (Coord.). **Jogos Eletrônicos, Mobilidade e Educação:** Trilhas em construção. Salvador: EDUFBA, 2015. Cap. IV, pag. 205-225.

RIBEIRO, M. S. de S.; CARVALHO, R. C. Jogos digitais, aprendizagem e desempenho escolar: O que pensam os garotos que jogam? In: ALVES, L.; COUTINHO, I. de J. (Coord.). **Jogos digitais e Aprendizagem:** Fundamentos de uma prática baseada em evidências. Campinas: Papyrus, 2016. Cap. X, pag. 209-226.

TAILLE, Y. de L.; OLIVEIRA, M. K. de; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon:** Teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

SOBRE A ORGANIZADORA

JAMILE BORGES DA SILVA



Graduada em Ciências Sociais com Bacharelado em Antropologia pela Universidade Federal da Bahia ; Mestre em Educação (UFBA) e Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos - POSAFRO/UFBA. É Professora DA UFBA e foi Coordenadora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos - PÓSAFRO/UFBA para o biênio 2015-2017 e para o biênio 2019-2021; Desenvolve pesquisa no Centro de Estudos Afro-Orientais /CEAO-UFBA em colaboração com instituições de pesquisa em Portugal, Moçambique, Cabo Verde e Guiné-Bissau. É Membro Permanente na Coordenação da Escola Doutoral Fábrica de Ideias .Fez Pós-Doutorado no Centro de Estudos e Investigações do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) desenvolvendo pesquisas na área de antropologia do mundo contemporâneo (com ênfase em temáticas sobre o continente Africano), Afrofuturismo, antropologia e museus (formação e gestão de coleções; patrimonialização e musealização em contextos transculturais; projetos na área do patrimônio e museus digitais). Coordena o museu Afrodigital em parceria com a UERJ, UFPE, UFRN E UFMA.

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

Adriele Regine dos Santos Almeida

Mestre em Estudos Étnicos e Africanos/UFBA.

E-mail: adriele.regine@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0000-0000-0000>

Bruno Fernandes Carvalho da Silva

Mestre em Educação/ Mestrado Profissional em Educação. MPED/ UFBA.

E-mail: brunofcs84@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3347-3616>

Evelyn Sacramento

Mestre em Estudos Étnicos e Africanos/UFBA.

E-mail: evelynsacramento@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3347-3616>

João mouzart de Oliveira Junior

Doutor em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia/UFBA.

E-mail: joaomouzart21@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3751-2387>

Jamile Borges da Silva

Antropóloga.

Dra. Em estudos étnicos e africanos.

Professora da Universidade Federal da Bahia.

E-mail: Jamile.ufba@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3347-3616>

Raimundo Claudio S. Xavier

Doutor em Ciências e Tecnologias da Comunicação/Univ.Aveiro

Prof. da Universidade do Estado da Bahia-UNEB.

E-mail: cxdesign@uol.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3866-9714>



www.arcoeditores.com



contato@arcoeditores.com



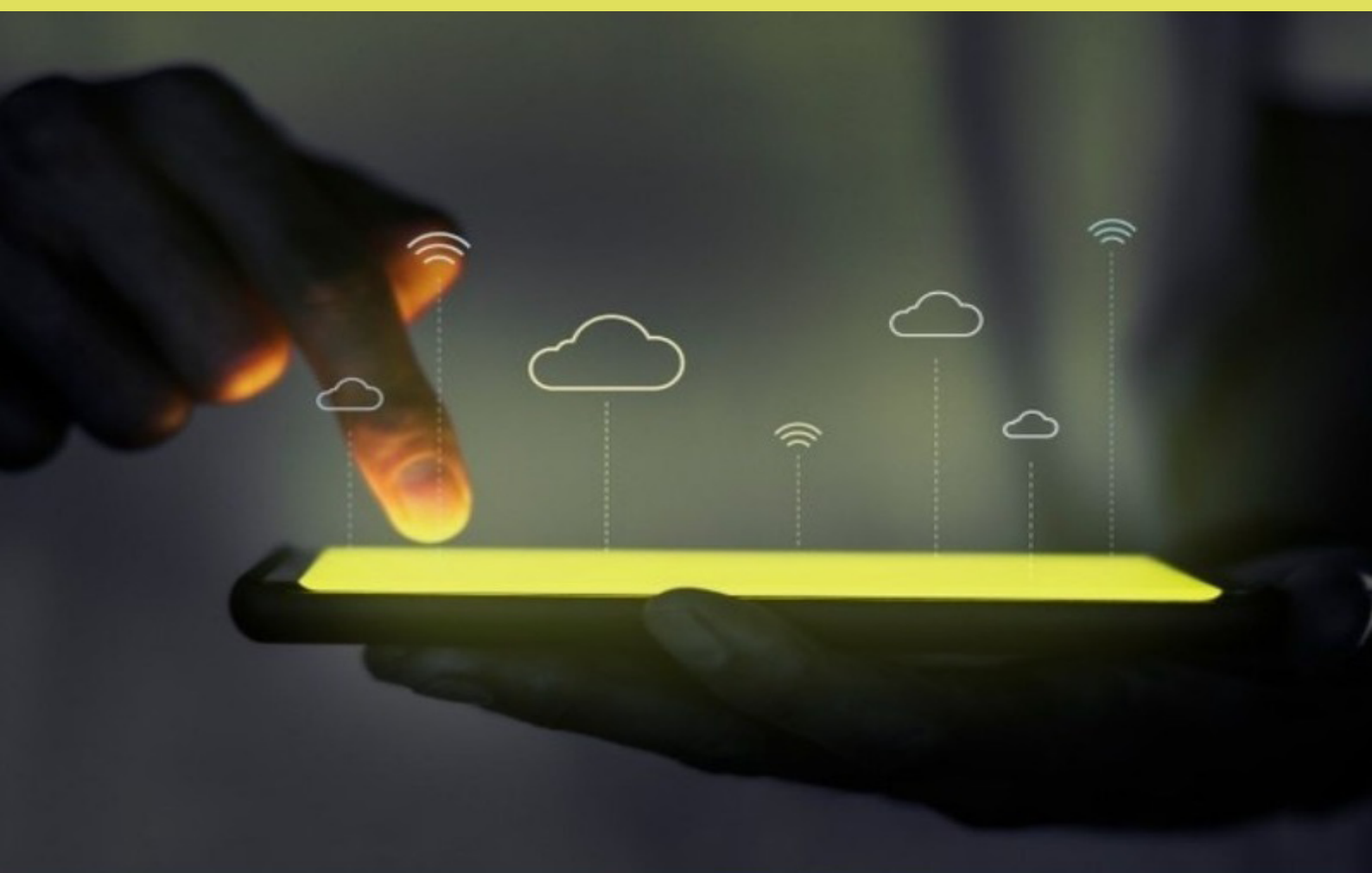
[@arcoeditores](https://www.facebook.com/arcoeditores)



[/arcoeditores](https://www.instagram.com/arcoeditores)

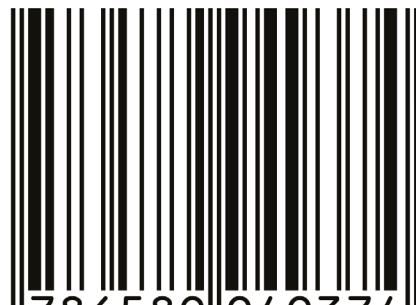


[\(55\)99723-4952](https://wa.me/55997234952)



ISBN: 978-65-89949-37-4

BR



9 786589 949374

ARCO
EDITORES ● ● ●